



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM
HABILITAÇÃO EM ARTES E MÚSICA**

WEMERSON MARINHO DE SOUSA

**PERFIL DOS EGRESSOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DAS
TURMAS 2014 E 2015 DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM ARTES E MÚSICA DA
UFT DE TOCANTINÓPOLIS-TO**

Tocantinópolis/TO
2019

WEMERSON MARINHO DE SOUSA

**PERFIL DOS EGRESSOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DAS
TURMAS 2014 E 2015 DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO
DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM ARTES E MÚSICA DA
UFT DE TOCANTINÓPOLIS-TO**

Monografia apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, sob a orientação do Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo.

Tocantinópolis/TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725p Sousa, Wemerson Marinho de.

Perfil dos egressos em Educação do Campo das turmas 2014 e 2015 da Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da UFT de Tocantinópolis-TO. / Wemerson Marinho de Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2019.

61 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2019.

Orientador: Gustavo Cunha de Araújo

1. Egressos. 2. Educação do Campo. 3. Artes. 4. Licenciatura. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

WEMERSON MARINHO DE SOUSA

**PERFIL DE EGRESSOS NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
COM HABILITAÇÃO EM ARTES E MÚSICA DA UFT DE TOCANTINÓPOLIS-TO:
DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 21/11/2019

Banca Examinadora:

Gustavo A.

Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Cássia Ferreira Miranda

Profa. Dra. Cássia Ferreira Miranda, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Cícero da Silva

Profa. Dr. Cícero da Silva, Examinador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Dedico este trabalho a Deus por me capacitar e me proporcionar sabedoria, minha família em nome da minha mãe e da minha irmã aos meus amigos por dispor de momentos que foram relevantes para meu aprendizado, ao curso e ao meu orientador por compartilhar de conhecimentos tão importantes que me auxiliarão por toda minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por te me proporcionado sabedoria e força de vontade para poder estar concluindo essa jornada tão importante em minha vida. Sou grato também por todo esforço que meus familiares fizeram para que esse sonho se tornasse realidade em nome da minha mãe, Heloina Rodrigues Marinho por se minha primeira professora na vida e ter me ensinado a sempre ir atrás dos meus sonhos e por ter me apoiado em toda decisão minha, também agradecer a minha irmã Veronica Marinho de Sousa que sempre esteve disposta a me ajudar e está sempre do meu lado me apoiando.

Agradecer também ao meu Professor Dr. Gustavo da Cunha de Araújo, não só pela orientação do trabalho de conclusão de curso, mas também por todo auxílio durante minha jornada acadêmica que me auxiliou, disponibilizando todo seu tempo, paciência e dedicação para me orientar. Agradeço também ao núcleo docente do curso por todo auxílio que tive durante minha vida acadêmica por eles acreditarem em mim e me capacitar para que eu me torne um futuro professor capaz de mudar a realidade do país, defendendo o que eu acredito.

Também agradeço aos meus amigos e colegas de turma que por sua vez estiveram ao meu lado compartilhando momentos bons e ruins os quais foram: Claudimara Rodrigues, Benedito Santos, Danilo Amorim e todos os demais que passaram na turma que estiveram construindo conhecimento comigo, e aos meus amigos que compartilharam também desses momentos bons que foram: Maurizan Andrade, Abner Andrade, Jodel Oliveira e vários outros que estiveram comigo nesta jornada.

Agradeço a participação de tantas outras pessoas que nem mesmo sabem que de alguma forma me ajudou direto ou indiretamente nessa caminhada.

RESUMO

A Educação do Campo vem como contraponto à educação tradicional, com isso as Licenciaturas em Educação do Campo (LEDOC) têm como objetivo trabalhar a realidade dos povos do campo, assegurando a eles uma educação que foi negada historicamente, proporcionando também ao homem e mulher do campo condições para que eles possam lutar pelos seus direitos a terra e à educação. Com isso em mente, este trabalho propõe discutir o perfil de egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis, estado do Tocantins. Dentre algumas questões, buscamos compreender se esses egressos atuam ou não na área de formação, como o curso contribuiu para a sua formação acadêmica enquanto educador e educadora do campo, entre outras questões. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e de natureza exploratória. Como instrumentos de coletas de dados, utilizamos questionários semiestruturados aplicados 11 estudantes egressos, sendo 5 da primeira turma (2014) e 6 da segunda turma (2015) da LEDOC de Tocantinópolis. Dentre alguns resultados, observamos que o perfil dos egressos 2014 e 2015 em Educação do Campo é de uma maioria de alunos que não atuam na área, mas vivem no campo com realidades diferentes: alguns ainda vivem no contexto de trabalho rural e outros somente estudavam antes de entrar na universidade. O conteúdo teórico/prático proporcionado pelo curso fez com que eles assumissem suas identidades e tivessem uma posição contra hegemônica pautada na perspectiva de uma educação libertadora. Ainda mais, notamos que são egressos que precisam atuar em suas áreas de formação, pois existe a demanda de professores de arte para o campo, mas para isso, são necessários concursos públicos e processos seletivos na área de artes no estado do Tocantins, para suprir essa demanda. A pesquisa desenvolvida com os egressos é importante, pois traz consigo um diagnóstico de formação do curso para a comunidade, possibilitando reflexões pedagógicas acerca do currículo do curso.

Palavras-chave: Egressos. Educação do Campo. Artes. Licenciatura.

ABSTRACT

Rural Education comes as a counterpoint to traditional education, so the Bachelor's Degrees in Rural Education (LEDOC) aim to work the reality of the rural people, providing them with an education that has been historically denied, providing the rural man and woman to fight for their rights to land and education. With this in mind, this paper proposes to discuss the profile of graduates of the Bachelor's degree course in Rural Education with a qualification in Arts and Music from the Federal University of Tocantins (UFT), campus of Tocantinópolis, state of Tocantins, Brazil. Among some questions, we seek to understand if these graduates work or not in the area of training, how the course contributed to their academic training as an educator and educator of the countryside, among other issues. This research is qualitative, descriptive and exploratory in nature. As data collection instruments, we used semistructured questionnaires applied 11 graduates students, 5 from the first class (2014) and 6 from the second class (2015) from LEDOC Tocantinópolis. Among some results, we observed that the profile of graduates 2014 and 2015 in Rural Education is a majority of students who do not work in the area, but live in the field with different realities: some still live in the context of rural work and others only studied before entering the university. The theoretical/practical content provided by the course made them assume their identities and have a counter-hegemonic position based on the perspective of a liberating education. Furthermore, we note that these are graduates who need to work in their areas of training, because there is a demand for art teachers for the countryside, but for this, public competitions and selective processes in the area of arts in the state of Tocantins are needed to meet this demand. The research developed with the graduates is important, because it brings with it a diagnosis of the formation of the course for the community, enabling pedagogical reflections about the curriculum of the course.

Keywords: Graduates. Rural Education. Arts. Graduation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Egressos do curso de Educação do Campo das turmas 2014 e 2015.....	20
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Sala de Aula	19
Imagem 2 – Entrada da UFT unidade Centro, Tocantinópolis-TO	19
Imagem 3 – Blocos das salas de aula da Unidade Centro do Campus da UFT de Tocantinópolis-TO	19
Imagem 4 – Entrada da UFT unidade Babaçu, Tocantinópolis-TO	20

LISTA DE SIGLAS

CEFFA	Centros Familiares de Formação por Alternância
CFR	Movimento das Casas Familiares Rurais
EFABIP	Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio
FETAET Tocantins	Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura do Estado do Tocantins
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MEC	Ministério da Educação
MEPES	Movimento Educação Promocional do Espírito Santo
MST	Movimento Sem Terra
PROCAMPO	Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação no Campo
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SESU	Secretaria de Educação Superior
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DO ESTUDO.....	16
2.1	Fundamentos da pesquisa qualitativa	16
2.2	Instrumentos de análises e coletas de dados: os questionários	18
2.3	Local da pesquisa: Contextualização da instituição pesquisada.....	18
2.4	Sujeitos da pesquisa	20
2.5	Categorias de análises dos dados	21
3	CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E EM TOCANTINS	22
3.1	Breve contextualização da Educação do Campo.....	22
3.1.1	Contexto histórico da Educação do Campo no Tocantins.....	29
3.2	A arte como área de habilitação na LEDOC da UFT Tocantinópolis	31
4	DISCUSSÃO E ANÁLISES DOS DADOS	34
4.1	Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre as dificuldades encontradas no curso.....	34
4.2	Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua formação acadêmica.....	38
4.3	Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua expectativa de formados no curso.....	45
4.4	Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a alternância do curso	52
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	57
	APÊNDICES.....	60

1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil não vem sendo das melhores há tempos, já em relação ao campo ela é mais agravante, pois durante muito tempo não se é prestado um auxílio e nem amparo as necessidade do campo (escolas com boa infraestrutura, material didático adequado à realidade camponesa, água potável, transporte entre outros), pois é idealizado o campo unicamente como espaço de produção e exploração, e muitas das vezes, tratando equivocadamente esse espaço como semelhante a cidade nos conteúdos curriculares, o que, de fato, não está certo, pois os camponeses têm saberes e experiências pertencentes a sua cultura, e não devem ser comparados com a mesma realidade urbana.

Os protagonistas que vivem no meio rural (homens, mulheres, assentados, quilombolas, ribeirinhos etc.), com a Educação do Campo, eles podem ter a oportunidade de ter voz e serem protagonistas de suas histórias, para que possam ser pensados e considerados como pessoas pertencentes daquele lugar, tendo no trabalho e moradia nesse território peça fundamental para que lutem e tenham um ensino de qualidade que supere as diferenças e mazelas presentes no campo brasileiro. Com isso a Educação do Campo pode ganhar forças com apoio dos movimentos sociais e das comunidades tradicionais, pois traz essa reflexão de educação e identidade que pense no camponês dentro do princípio de diversidade sociocultural.

A Educação do Campo vem como contraponto à educação tradicional, com isso as Licenciaturas em Educação do Campo (LEDOC) têm como objetivo trabalhar a realidade dos povos do campo, assegurando a eles uma educação que foi negada historicamente, proporcionando também ao homem e mulher do campo condições para que eles possam lutar pelos seus direitos a terra e à educação. Com isso em mente, este trabalho propõe discutir o perfil de egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis, estado do Tocantins. Dentre algumas questões, buscamos compreender se esses egressos atuam ou não na área de formação, como o curso contribuiu para a sua formação acadêmica enquanto educador e educadora do campo, entre outras questões.

Sinto-me privilegiado a falar sobre esse tema, pois sou estudante do curso e no decorrer da graduação observei muitos estudantes se perguntando como é o curso e questões sobre a atuação na área, se tem mercado ou não para atuar, com isso veio a necessidade de expor esses relatos para os demais estudantes e que isso possa proporcionar a eles refletir a

respeito dessa formação acadêmica, uma vez que estão cursando uma licenciatura com o objetivo de formar educadores e educadoras para o campo.

A motivação de pesquisar sobre os egressos se dá pelo fato do curso não ter especificamente relatos sobre as respectivas formações das duas primeiras turmas formadas (2014 e 2015), uma vez que esses depoimentos dos alunos discutidos e analisados nesta pesquisa pode proporcionar ao curso um diagnóstico a respeito da formação do educador e educadora para o campo, para que o mesmo possa enriquecer, amadurecer ou mesmo melhorar em aspectos pedagógicos, uma vez que é um curso novo, com apenas 5 anos de existência.

A partir dessas primeiras considerações, esta pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo descritiva e de natureza exploratória. Como instrumentos de coletas de dados, utilizamos questionários semiestruturados com 18 questões aplicados 11 estudantes egressos, sendo 5 da primeira turma (2014) e 6 da segunda turma (2015) da LEDOC de Tocantinópolis. Desse modo, buscou responder o seguinte questionamento: Qual é o perfil dos egressos (2014 e 2015) do Curso em Educação do Campo da UFT/Tocantinópolis? Sabemos que essa licenciatura tem uma especificidade em sua gênese que é um curso que surgiu a partir de uma luta histórica de movimentos sociais, docentes, discentes e universidade, que objetivaram propor um curso que atendesse as necessidades de aprendizagem da população camponesa (indígenas, ribeirinhos, quilombolas entre tantos outros), e que fosse uma educação emancipadora, libertadora e longe do ensino tradicional, que não considera as especificidades e saberes do povo camponês, pois a “A Educação do Campo aponta para a construção de um novo paradigma, que seja pensado pelo camponês, partindo do princípio da diversidade sociocultural”. (COSTA; CABRAL, 2016, p. 182), ou seja, é a construção de um novo conceito de se trabalhar com as comunidades tradicionais e camponesas, que é a questão identitária e a adoção de métodos que pensem a sua realidade, tratando o homem do campo como um ser rico em conhecimento.

Com esse pensamento, compreender o contexto de realidade social que eles estavam e foram inseridos ao entrarem no curso, é uma problemática importante. Outra problemática que permeiam o tema é identificar quais os pontos positivos e negativos do curso presentes na formação dos egressos, pois sabemos que devido o acesso e a dificuldade no ingresso e permanência no ensino superior da maioria deles, eles conseguiram concluir o curso, levando em conta todos imprevistos e dificuldades das quais vivenciaram nessa LEDOC, ainda mais se tratando do primeiro curso de Educação do Campo com a habitação em Artes e Música do

Brasil, ou seja, eles não tinham um modelo a seguir, tiveram que aprender na prática, na vivência diária.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo principal compreender qual o perfil dos egressos no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Tocantinópolis, nas turmas 2014 e 2015. Como objetivos específicos, buscamos descrever a importância que o curso teve para a vida profissional dos egressos, além de também identificar quais os pontos positivos e negativos do curso durante a formação acadêmica deles, e por fim, verificar a quantidade de egressos que atuam na área de formação do curso.

A pesquisa desenvolvida com os egressos é importante, pois traz consigo um diagnóstico de formação do curso para a comunidade, possibilitando reflexões pedagógicas acerca do currículo do curso. Diante disso, é possível dizer que a educação em seu papel formativo, possibilita ao indivíduo do campo instrumentos necessários para a transformação social, buscando dialogar com as diferentes realidades encontradas no campesinato brasileiro. Isso pode ajudar a compreender melhor a realidade do aluno, tendo em vista a heterogeneidade, a cultura, os saberes e a identidade do educador e da educadora do campo.

.A pesquisa está dividida em 3 capítulos: o primeiro cujo o nome é Trajetória Metodológica do Estudo, trata-se de aspectos metodológicos do trabalho (tipo de pesquisa, instrumentos de coletas de dados, local da investigação e participantes desta pesquisa, entre outras informações importantes). O segundo capítulo tem como título “Contexto histórico da Educação do Campo no Brasil e em Tocantins”, no qual apresenta a fundamentação teórica do estudo, fundamental para as reflexões e análises construídas no último capítulo com o nome de “Discussão e análises dos dados”, que traz as falas analisadas dos participantes da pesquisa, em diálogo com a matriz teórica que fundamenta esta investigação. Por fim, apresentamos algumas considerações a respeito da pesquisa desenvolvida.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DO ESTUDO

Este capítulo apresenta a metodologia adotada na pesquisa, assim como os instrumentos metodológicos de coletas e análises dos dados, além dos sujeitos (participantes) desta investigação e o local deste estudo. Dentro de uma análise teórica visando à pesquisa, é preciso adotar um caráter científico com o objetivo de desenvolver um trabalho acadêmico, pautado pela ética e cientificidade.

2.1 Fundamentos da pesquisa qualitativa

De acordo com Barros e Lehfeld (2000, p. 14), um dos principais objetivos da pesquisa “é solucionar dúvidas e resolver problemas com a utilização do método científico, para isso, é preciso traçar um grande caminho utilizando métodos adequados com a proposta do tema, visando à investigação acerca da realidade”. Ou seja, a partir da investigação e questionamentos levantados ao longo do desenvolvimento do estudo, podemos chegar ao seu objetivo.

A proposta metodológica se dá a partir de análises e estudos acerca do tema, com isso, a análise deve exercer um olhar criterioso, pois ir a campo pesquisar um determinado tema sem uma proposta metodológica fundamentada não é fácil, uma tarefa quase que impossível, por isso é fundamental em qualquer estudo desenvolvido ter um caminho a ser percorrido. A fundamentação da pesquisa é entendida através dos critérios de cientificidade, nas quais Demo (2000, p. 25) cita o “questionamento e a dúvida metódica como ferramentas fundamentais para o pesquisador chegar àquilo que ele deseja, de modo que a pesquisa tenha objetivo de trazer algumas reflexões que se dá a partir de aspectos subjetivos que são explorados nas ciências humanas e sociais”, pois,

Apesar de não se negar o valor científico da abordagem empírico-analítica de cunho positivista que deu origem às pesquisas quantitativas no campo das ciências sociais e humanas, mas ainda assim, ciente de seu reducionismo quantitativo focado no rigor matemático e no primor pela objetividade em detrimento da subjetividade e, embasado na relevância do historicismo e em sua importância para a compreensão dos fenômenos, imbuídos em suas especificidades históricas e interpretados pelas intersubjetividades, Gamboa (2003), aponta para o nascimento do paradigma qualitativo no final do século XIX. (LIMA; PEREIRA, 2018, p. 81).

Nesses aspectos, a qualidade tem fatores que vão ajudar a desencadear perguntas frequentes que surgem no decorrer da pesquisa, voltadas a realidade social em que os participantes estão inseridos, o convívio e vínculos que eles obtiveram durante a vida acadêmica e as compressões constituídas através das realidades sociais. Com essa diretriz, a pesquisa assume uma abordagem qualitativa (PRODANOV; FREITAS, 2013), pois buscamos analisar a realidade da qual fazem parte estudantes egressos de uma LEDOC; portanto, essa abordagem permite compreender a percepção dessa realidade nos aspectos sociais, culturais e subjetivos. Com esse caminho, esta pesquisa tem característica descritiva e é de natureza exploratória (LAKATOS; MARCONI, 2007). Além disso, a pesquisa descritiva é objetiva e procura descrever os fatos de determinada população ou fenômeno sendo capaz de estabelecer ligações entre as variáveis. Esse tipo de pesquisa ajudou a compreender a característica dos estudantes camponeses analisados nesta monografia.

Quando se fala de pesquisa qualitativa se referem à coleta e tratamento de informações sem uso de análise estatístico, a instrumentos como entrevista aberta, relatos, depoimentos, ou seja, documentos que não fecham a interpretação num único sentido (paráfrase), mas permitem o jogo de sentidos (polissemia) (LIMA; PEREIRA, 2018, p. 83).

Ou seja, essa abordagem de pesquisa, a sua natureza e tipo metodológico adotado nos ajudaram a refletir acerca do social e cultural dos sujeitos desta investigação, principalmente na produção de reflexões a respeito do seu perfil, enquanto egressos de uma LEDOC, analisados por meio de seus depoimentos dados via questionários. Nesse sentido, “para que o discurso possa ser reconhecido como científico precisa ser lógico, sistemático, coerente, sobretudo, bem-argumentado. Isso o distancia de outros conhecimentos, como senso comum, sabedoria, ideologia”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 17).

Neste tipo de pesquisa a coleta de dados ocorre por meio de questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de Levantamento. Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordenam dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. (LIMA; PEREIRA, 2018, p. 112).

De acordo com Prodanov; Freitas (2013, p. 44), “a pesquisa procura repostas, mas podemos encontrá-las ou não. As chances de sucesso aumentam à medida que focarmos a pesquisa como um processo e não como uma simples coletas de dados”, ou seja: aponta uma investigação que tem com objetivo observar os fenômenos que são recorrentes da formação dos egressos do curso de Educação do Campo, visando compreender o contexto em que eles foram inseridos após o término do curso e se eles continuaram no meio social em que estavam

antes da graduação, e ainda, observar o ambiente em que eles estejam objetivando para uma possível atuação na área em que foram formados.

2.2 Instrumentos de análises e coletas de dados: os questionários

Conforme Prodanov e Freitas (2013), dentre as diferentes formas de coletas de dados, destacam a entrevista e o questionário, dos quais utilizamos nesta investigação o questionário, por entendermos que seria mais adequado aos objetivos desta pesquisa. Esse tipo instrumento de coleta de dados nos ajudou a identificar e a analisar aspectos importantes das falas dos egressos. É importante destacar que esses questionários foram aplicados durante a pesquisa de campo, ocorrida no campus universitário de Tocantinópolis, ao longo do segundo semestre de 2019. Desse modo, aplicamos um questionário semiestruturado de 18 questões para 11 (onze) egressos, 5 (cinco) da turma 2014/1 e 6 (seis) da turma 2015/1 das mais diversas regiões e alguns de Estados diferentes (Tocantins, e uma do Piauí).

2.3 Local da pesquisa: Contextualização da instituição pesquisada

A Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Tocantinópolis, atualmente funciona em duas unidades acadêmicas: Unidade Centro e Unidade babaçu. Nesse campus, funcionam 4 cursos de graduação plena presenciais, que são: Licenciatura em Educação do Campo Habilitação em Artes e Música, que funciona nos turnos matutino e vespertino; Pedagogia (matutino e noturno), Ciências Sociais (noturno) e Educação Física, (noturno). Na Unidade Babaçu existem laboratórios do curso de Educação do Campo, como, por exemplo, o Laboratório de Artes Visuais e os Laboratórios de Música, além de um Laboratório de Teatro na Unidade Centro, todos pertencentes à LEDOC. A instituição (UFT) possui em 7 (sete) campus em diferentes regiões do estado que são (Arraias, Gurupi, Porto Nacional, Palmas, Miracema, Araguaína e em Tocantinópolis). Abaixo, socializamos algumas imagens do Campus de Tocantinópolis, local em que foi realizada esta pesquisa:

Imagem 1 - Sala de Aula.



Fonte: Kennedy Lopes, 2019.

Imagem 2 – Entrada da UFT unidade Centro, Tocantinópolis-TO.



Fonte: Kennedy Lopes, 2019.

Imagem 3 – Blocos das salas de aula da Unidade Centro do Campus da UFT de Tocantinópolis-TO.



Fonte: Kennedy Lopes, 2019.

Imagem 2 – Entrada da UFT unidade Babaçu, Tocantinópolis-TO



Fonte: Wemerson Marinho, 2019.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos (participantes) desta pesquisa são 11 estudantes que fazem parte do quadro de egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo das mais diversas faixas etárias, compreendendo de 21 anos até 56 anos de idade e que moram em diferentes estados (Tocantins, Maranhão e Piauí). Vale destacar que a primeira turma (2014.1) formou 42 alunos, e a segunda turma (2015.1) somente 24 alunos. Os nomes foram mantidos em sigilo devido à ética acadêmica adotada. Abaixo, segue um quadro descritivo dos sujeitos desta pesquisa:

Quadro 1 – Egressos do curso de Educação do Campo das turmas 2014 e 2015.

Ano de ingresso	Nome	Idade	Comunidade
2014	Aluna: A	24 anos	Jalapão-TO
2015	Aluna: B	22 anos	Açailândia-MA
2014	Aluna: C	56 anos	Esperantina-TO
2014	Aluno: D	25 anos	Esperantina-TO
2014	Aluna: E	22 anos	Tocantinópolis-TO
2015	Aluno: F	23 anos	Tocantinópolis-TO
2015	Aluna: G	45 anos	Teresina-PI
2015	Aluna: H	29 anos	Jalapão-TO
2015	Aluna: I	23 anos	Tocantinópolis-TO
2015	Aluna: J	35 anos	Tocantinópolis-TO

2014	Aluna: L	26 anos	Esperantina-TO
------	----------	---------	----------------

Fonte: Pesquisa do autor (2019).

2.5 Categorias de análises dos dados

Com os dados coletados e organizados nesta pesquisa, algumas categorias foram escolhidas e descritas em tópicos de análises, no capítulo 3:

- a) Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre as dificuldades encontradas no curso.
- b) Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua formação acadêmica.
- c) Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua expectativa de formados no curso.
- d) Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a alternância do curso.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E EM TOCANTINS

Neste capítulo abordo aspectos teóricos que envolvem a Educação do Campo, dialogando com autores que contribuí diretamente com o tema. Descrevo brevemente como se deu a construção histórica da Educação do Campo no Brasil e no estado do Tocantins, frisando a importância desse projeto educacional para uma educação emancipadora, que busca a sua consolidação na educação brasileira. Por fim e não menos importante, apresento uma contextualização da LEDOC do campus de Tocantinópolis.

3.1 Breve contextualização da Educação do Campo

O Brasil é um país, segundo Sales (2011), de origens e tradições agrárias, por isso, deveria ter maiores incentivos para uma Educação do Campo, visando manter diálogo com as suas origens, uma vez que em todo território nacional podemos notar essa necessidade de trabalhar uma educação que pense nesses povos e não tentem trazer a cultura capitalista e europeia para dentro das comunidades que vivem a décadas tentando sobreviver conforme suas origens.

Tendo em vista essa necessidade de analisar a realidade da educação brasileira, dando uma ênfase as comunidades que vivem no campo, sabemos que dentro de um contexto social e político não há muita prioridade na estrutura governamental em formar educacionalmente essas pessoas que residem no campo (CALDART, 2010), pois, historicamente, essas populações vivem a margens, sem a preocupação governamental de oferecer-lhes uma formação mais digna e com qualidade.

Porém, esse contexto ainda permeia no cenário atual, pois podemos perceber que estas populações geralmente são marginalizadas pelo poder público, o que não vai de encontro com o colocado na Constituição de 1988, de que todos são iguais, perante a lei, sem distinção de raça, cor, etnia ou localidade.

Nesse sentido, esses direitos não vêm sendo cumpridos e nem é do interesse do Estado, pois a base elitista, geralmente formada por empresários ou grandes proprietários de terra, exploram bem mais essas populações com o trabalho braçal do que oferecendo educação de qualidade a elas ou oportunidades de trabalho na própria terra da qual precisam e lutam para produzir o seu sustento, que pensem na realidade dessas pessoas, pois sabem que a

educação é uma fonte emancipadora que leva o indivíduo a questionar sua realidade buscando a melhoria para seu povo. Então, por que formar seres pensantes?

Com esses pressupostos, no processo de formação da sociedade brasileira a população campesina foi historicamente abandonada dos processos formativos voltados ao ensino, uma vez que se tinha o pensamento de que a população do campo não precisava de escolarização, eram considerados trabalhadores braçais não alfabetizados, pois não havia necessidade deles aprenderem a ler e nem escrever, uma vez que serviam apenas para trabalhar (CALDART, 2010).

A educação formal no Brasil tem a sua gênese com a chegada dos portugueses ao trazerem a sua pedagogia fundamentada na religião, com o objetivo de catequizar os nativos que aqui viviam e de levar a cultura europeia pra dentro da cultura dos nativos levando a exclusão de todo seus fundamentos religiosos (SAVIANI, 2011). Contudo, “no período entre o Estado Novo e a Segunda República (1945-1964) o imaginário de modernização se estabeleceu com a ascensão ao acesso ao ensino primário para toda a classe popular das mais variadas regiões do Brasil”. (SILVA, 2011 p. 69). Com essas perspectivas, tinha por finalidade exprimir a classe rural que tinha que vir para cidade e eram levadas a cometer o que chamamos de êxodo rural, que significa as populações do campo saírem do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida.

Os projetos desenvolvidos no Brasil com o estado novo iniciou uma nova era na educação, ao preparar os indivíduos do campo a aprenderem a manusear e a lidar com as bases tecnológicas que iriam surgindo, com isso foi denominado de ruralismo pedagógico (SILVA, 2011). A intencionalidade dessa perspectiva tinha como base a fixação do indivíduo que vivia no campo nesse espaço, pois queriam conter as ondas migratórias que tiravam a harmonia da cidade, evitando a sua “superlotação”. Dessa forma, podemos imaginar o preconceito imposto pela o estado que queria somente a mão de obra do homem do campo.

Esse “Ruralismo Pedagógico” teve uma intencionalidade e foi importante para dividir os aspectos culturais e dar ênfase a dependência tecnológica nos meios rurais. Dessa maneira, essa educação contribuía decisivamente para o capitalismo rural e a expansão do processo industrialização que tinha por interesses as classes sociais dominantes que privilegiavam a elite e desconsiderava a diversidade cultural e social do país. Isso nos ajuda a compreender que essas concepções aumentavam a divisão de classes que se vinha disseminando naquela época, que tem como principio básico, a exploração dos povos do campo e a ascensão do capitalismo.

Com essas novas bases que tinha como princípio “a ideia de que o homem do campo é um indivíduo extremamente carente e desassistido gerou uma polissemia interpretação em relação ao modelo de educação”, frisou Silva (2011, p. 73), ou seja, era uma ação ideológica na tentativa de conciliar trabalho no campo e o “falso” espírito bom feitor dos governantes.

Dentro desse contexto de educação o empresariado via o potencial das massas rurais como uma mão de obra barata que também foi uma forma de estratégia pacificadora para os conflitos existentes no campo, entre camponeses e grileiros, por exemplo, e também um meio de “abafar” esses movimentos que reivindicavam uma educação para todos. Com a entrada do capitalismo no campo, a partir do agronegócio, possibilitou inúmeros desdobramentos que condicionou os homens do campo a se adaptarem a uma corrente exploratória de serviço, porém, apesar de tantos projetos que visavam à integração do homem do campo com aparelhos tecnológicos, podemos imaginar que esses tipos de aparelhagem seria uma forma estratégica para “iludir” os trabalhadores e impedir que eles saíssem do campo, pois os donos das fazendas iriam perder mão de obra barata.

Com o avançar das décadas, o Estado teve a ideia de tentar sanar algumas necessidades que o campo tinha com a educação, ou seja, apresentar um tratamento mais elaborado que foi através da educação rural, que tinha mecanismo de subordinação e alienação (FERNANDES; MOLINA, 2004). Porém, para combater essa educação que não considerava a realidade, os saberes, a identidade e a cultura do povo camponês, foi necessário pensar em um projeto de educação no e do campo que realmente o homem do campo necessitava, pois sabemos que uma educação que dialogue com os movimentos sociais e comunidades tradicionais ainda estava muito distantes naquela época.

As iniciativas de educação rural desenvolvidas no século XX indicaram não uma tomada de consciência por parte do governo ou mesmo da sociedade urbana, mas uma visão interesseira do capitalismo, particularmente do empresariado industrial que via nos trabalhadores rurais migrantes mão de obra barata e, mesmo os trabalhadores estrangeiros, uma mão de obra melhor qualificada. Esse interesse constituiu-se na base de sua preocupação com a educação. (SILVA, 2011, p. 70).

Na década de 60, com os avanços populares e a ajuda da organização social das classes camponesas, o governo se sentiu pressionado para se efetivar políticas voltadas as classes campesinas, pois era gritante a desigualdade, e isso contribuía diretamente para o abismo social que naquela época se expandia entre as classes populares e as elites.

Na década de 60 o sentimento da necessidade de uma educação diferenciada, que atendesse efetivamente aos anseios dos jovens rurais e suas famílias ganhou corpo. Tal ideia gerou uma concepção de educação propulsora de transformação tanto internamente na escola como na sociedade. Baseou-se em um ideário de escola que fosse instrumento de transformação social, uma agência educativa centrada em uma prática e modelo pedagógico libertador, com métodos e recursos adequados à realidade do campo. (SILVA, 2011, p. 74).

Nesse contexto, as classes populares buscavam combater a educação bancária que tinha o objetivo de somente depositar o “conhecimento” e não levar em conta a troca de saber, sem identificar que toda pessoa tem seus conhecimentos e seu ponto de vista (FREIRE, 1987) e a não execução dos novos meios educacionais voltados a uma educação libertadora. Nessa mesma década deu início ao regime militar no Brasil (década de 1960), com o fortalecimento das ligas camponesas, que por sua vez sofreram a repressão dos militares, ao questionarem as decisões do governo na época, como, por exemplo, a censura (FERNANDES; MOLINA, 2004). Isso foi suficiente para impedir esses movimentos sociais a reivindicar seus direitos previstos em lei.

Nesse contexto, a Educação Rural ganhava forma a cada dia, pois era uma educação que alienava o camponês e não respeitava a tradição do homem do campo, limitando somente a alfabetização e o não questionamento do poder estatal. Esse termo “educação rural” tem uma origem latifundista empresarial, ou seja, sua origem tem fundamento político dominante, que por sua vez tem o interesse somente na produção e exploração da terra, visto que a sua origem não tem a participação do homem do campo, uma vez que a elite vê o campo somente como espaço de produção e os camponeses como produtores e não protagonistas de sua história.

Podemos colocar este momento como fundamental para ressaltar a importância de uma educação libertadora voltada ao camponês e as comunidades tradicionais, uma vez que a sociedade desse período via o camponês como atrasado culturalmente, isto é, “tratava-se de concepções etnocêntricas, com base em um modelo de visão linear da história que prometia a sua superação pela modificação das relações de produção”. (SILVA, 2011, p. 74). Por isso, da necessidade de se romper com esse conceito de educação rural que permeava a sociedade nessa época. A esse respeito, as autoras Costa e Cabral (2016) esclarecem a diferença de educação rural e educação do campo, esse último, como um projeto de educação voltado plenamente a realidade dos povos do campo:

A Educação Rural se constitui em um mecanismo de subordinação e de alienação, bem como de propagação desse poder. [...] Já a Educação do Campo referência está no protagonismo dos camponeses, na conscientização do ser humano e na sua formação como um todo, rompendo com as ideologias dominantes. (COSTA; CABRAL, 2016, p. 181-182).

Dessa forma, a educação nessa perspectiva se desenvolveu durante décadas com pouco vínculo humanístico e ético com o camponês, pois tinha se debruçava mais em interesse político e econômico. Com isso, iriam alimentando o estereótipo de que o campo era um local de atraso ou antigo e que lá não havia futuro, e nem prosperidade para as pequenas famílias que nela vivem, o que fez criar uma atmosfera de alienação acerca das pessoas que vivem no campo.

Logo, foi pensada pelos movimentos sociais do campo (o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra - MST, principalmente) através de extensas lutas e reflexões acerca da educação voltadas para as realidades camponesas para se criar uma educação que pense no homem do campo visando e respeitando suas diversidades étnicas, socioculturais e a luta pela terra. Nesse sentido, é preciso respeitar o espaço do campo como lugar de pertencimento dessas pessoas, onde é um lugar de resistência, rico e de vivências culturais e humanas, entretanto, é uma luta árdua do homem e da mulher do campo que viabiliza a busca por direitos e a equidade, pois sabemos que os direitos dos camponeses e das comunidades tradicionais são geralmente negados pelo Estado.

Para Costa e Cabral (2016), a importância desse projeto educacional, de uma educação voltada aos povos do campo, ajudou a pensar nos contextos culturais que cada um vive e na realidade de todas as pessoas que vivem, trabalha e tem no campo lugar de vida, buscando a vida digna e com qualidade dos camponeses, diversidade sociocultural e a preservação do planeta.

A Educação do Campo nasceu como crítica à realidade da educação brasileira, particularmente à situação educacional do povo brasileiro que trabalha e vive no/do campo. Esta crítica nunca foi à educação em si mesma porque seu objeto é a realidade dos trabalhadores do campo, o que necessariamente a remete ao trabalho e ao embate entre projetos de campo que têm consequências sobre a realidade educacional e o projeto de país. Ou seja, precisamos considerar na análise que há uma perspectiva de totalidade na constituição originária da Educação do Campo. (CALDART, 2010, p. 19).

Ou seja, a Educação do Campo pode ser entendida como um projeto e movimento educacional que combate visões distorcidas de educação, de política e de interpretações equivocadas da realidade voltada aos interesses de seu povo, do direito à educação e luta pela

terra. E a educação aqui, tinha também papel fundamental nesse processo, pois era preciso formar mulheres e homens do campo para atuarem em escolas localizadas nesse meio, que ainda são carentes de profissionais com formação em ensino superior, independente da área de conhecimento.

A partir desse contexto, foram criadas as licenciaturas em Educação do Campo, tendo em vista a formação do professor para o campo. De acordo com Molina (2015) e Faleiro e Farias (2016), essas LEDOC surgiram no país em 2006, por meio de um projeto iniciado em 4 universidades brasileiras: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Federal de Sergipe (UFS) que já tinham alguma experiência em ofertar cursos de Educação do Campo. Esse projeto também atendia a proposta formulada pelo Ministério da Educação (MEC), por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESU), e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

A partir desse momento, o MEC, por meio do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação no Campo (PROCAMPO), passou a desenvolver ações como cursos a professores das escolas do campo que atuam nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Diante disso, a respeito da matriz curricular desses cursos,

Entende-se que um dos diferenciais dessa matriz diz respeito à sua origem: foram as experiências formativas acumuladas pelos trabalhadores rurais, especialmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nas lutas pelo direito a terra e à educação, que possibilitaram o acúmulo de forças que levou à elaboração e implantação dos cursos. (MOLINA, 2017, p. 589).

É importante destacar nesse processo que por meio do Edital de Seleção nº 02/2012-SESU/SETEC/SECADI/MEC-2012, o PROCAMPO deu continuidade à expansão dos cursos de Licenciaturas do Campo no Brasil. Foi com essa ampliação que o Estado do Tocantins foi contemplado com 2 cursos de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, para Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Arraias e de Tocantinópolis.

Segundo Molina e Hage (2015, p. 137) “esses cursos objetivam preparar educadores para, além da docência, atuar na gestão de processos educativos escolares e na gestão de processos educativos comunitários”. Ou seja, a organização curricular desses cursos tem uma especificidade importante e necessária para a formação dos futuros educadores (as) do campo, que é o regime de alternância, mas o que seria essa alternância? O conceito PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA não é um termo atual, pelo contrário, foi desenvolvido na França em 1935, uma vez que era associado ao Movimento das Casas Familiares Rurais (CFRs). Esse

termo alternância foi elaborado por um grupo de agricultores que pensava na perspectiva de proporcionar aos jovens um convívio na educação que não se desvinculasse de sua vida no campo, a fim de fortalecer os vínculos com suas raízes, proporcionando também formação profissional que se vinculava à forma sustentável do campo (GIMONET, 1999).

Segundo Nosella (2012), a Pedagogia da Alternância foi implantada no Brasil através do Movimento Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), do qual a alternância no Brasil teve um ganho muito grande quando foi vinculada diretamente aos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFAs), que tinha a disponibilidade de ofertar cursos referentes ao segundo segmento do ensino fundamental, além de cursos técnicos vinculados ao ensino médio (FERRARI; FERREIRA, 2016).

A Pedagogia da Alternância é uma proposta pedagógica que consiste em conjugar várias experiências adquiridas em tempo e espaço distintos com a intenção de associar as experiências adquiridas em toda sua vida com o conhecimento intelectual, sem distinção de hierarquia, ambos andando lado a lado, visto que, “com isso, trata-se de um sistema educativo no qual o processo de ensino-aprendizagem decorre da interdependência entre os espaços e os tempos de formação, da interação das relações sociais e dos saberes que neles transitam”. (GIMONET, 1999, p. 48).

Nesse sentido, a Pedagogia da Alternância se tornou uma aliada para a Educação do Campo, pois intercala a educação e sua realidade no campo, a partir de uma proposta pedagógica que o aluno não necessita de sair do seu meio rural para que ele estude. A alternância vem para fortalecer o jovem a não deixar o seu lugar de origem, ou seja, ajuda no fortalecimento de identidade para que ele não desista de seus costumes e seus ensinamentos empíricos. A alternância, junto com a Educação do Campo, proporciona aos povos do campo a não se submeterem à desfragmentação de sua cultura, pelo contrário, ela fortalece cada vez mais a relação de homem com a terra. Além disso, o diálogo com as comunidades por meio da alternância pode fortalecer, também, a relação entre escola e o campo, fazendo com que os paradigmas sejam quebrados, valorizando o conhecimento popular.

A Educação do Campo tem-se pautado por uma matriz formativa ampliada que comporta diferentes dimensões do ser humano. Nessa perspectiva, a escola deve desenvolver com extrema competência o intelecto dos sujeitos que ensina, mas não pode se furtar a trabalhar igualmente a formação de valores, o desenvolvimento político, ético, estético e corpóreo de seus educandos. Assim, “a matriz formativa da educação camponesa parte do princípio dela como formação humana, recusando a matriz estreita e limitada da escola capitalista, cuja lógica estruturante é a produção de mão de obra para o mercado”. (MOLINA,

2017, p. 591). Como uma educação emancipatória, traz consigo um princípio formativo que é o manuseio com questões sociais e éticas, formando o futuro educador para atuar não só dentro do espaço formal de ensino, mas também no meio informal. Nesse sentido, a LEDOC objetiva formar educadores do campo e também profissionais que fazem a atuação política, tentando buscar melhoria para a educação no contexto rural.

É importante destacar que a estrutura para essas licenciaturas ficou dividida por área de conhecimento, habilitando ao exercício docente multidisciplinar nas escolas do campo. As quatro grandes áreas são: a) Artes, Literatura e Linguagens; b) Ciências Humanas e Sociais; c) Ciências da Natureza e Matemática; d) Ciências Agrárias (MOLINA, 2017).

Articulada às intencionalidades propostas às novas funções sociais da escola, por meio de outras possibilidades para a Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico, a formação por áreas de conhecimento propõe a organização de novos espaços curriculares que articulam componentes tradicionalmente disciplinares a partir de uma abordagem ampliada de conhecimentos científicos que dialogam entre si, tendo como base problemas concretos da realidade. Desse modo, busca-se superar a fragmentação tradicional que dá centralidade à forma disciplinar e mudar o modo de produção do conhecimento na universidade e na escola do campo, associado intrinsecamente às transformações no funcionamento da escola, articulado ainda às demandas da comunidade rural na qual se insere a escola. (MOLINA, 2017, p. 595).

É essencial assinalar ainda que a formação por área de conhecimento busca também a interação entre os educadores nas escolas do campo, pois isso pode incentivar o trabalho em grupo em busca de proposta e contribuição nas mais diferentes metodologias a serem desenvolvidas nesses espaços educativos.

Por fim, a LEDOC busca formar educadores do campo para atuar além da docência, e tem isso como um ponto forte em que o educador pode atuar em gestões de processo educativos, escolares e comunitários (MOLINA, 2017), capacitando os jovens a compreender todo contexto em que ele está inserido, fundamental para o fortalecimento de sua identidade campesina e para o entendimento de conflitos no campo que ocorrem em todo território nacional.

3.1.1 Contexto histórico da Educação do Campo no Tocantins

O estado do Tocantins é conhecido pela heterogeneidade de seus povos e por sua imensa territorialidade, o que desperta certo interesse de grileiros e latifundiários em impor a população campesina a sua ideologia para que possam retirar delas o direito a terra. Com isso, foi necessário debater a Educação do Campo nesse estado, buscando problematizar a

importância da educação para os povos que residem, trabalham e estudam no meio rural, uma vez que a formação humana é primordial na educação desses povos.

O projeto de desenvolver uma educação voltada a esses povos ocorreu a partir da criação da Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música na Universidade Federal do Tocantins, em dois campus: Tocantinópolis e Arraias, visto que o curso veio para formar profissionais especializados na área para atender as necessidades da educação básica do campo que, segundo o IBGE (2010), havia 21,19% de pessoas que viviam no campo no estado, maior que a média nacional que era de 15.71%. Segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC, 2016), do curso de Educação do Campo de Tocantinópolis, outro fator importante para implantação do curso no estado foi à demanda trazida pela Associação Comunitária do Bico do Papagaio (nome dado à região norte do estado do Tocantins) que apontava a grande quantidade de famílias de assentados que havia no estado, além da ajuda do Fórum Estadual da Educação do Campo e dos movimentos sociais, para ajudar no processo educacional do homem e mulher do campo, a partir da atuação dessas LEDOC.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo: Códigos e Linguagens - Artes e Música, ao ser oferecido pela Universidade Federal do Tocantins, em parceria com as organizações sociais e sindicais do campo - principalmente o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura do Estado do Tocantins (FETAET) - tem como missão cumprir objetivamente a sua função social atendendo parte da demanda educacional dos povos do campo do Tocantins, auxiliando na formação de professores que atuarão nas escolas do campo e com os povos do campo - quilombolas, ribeirinhos, agricultores familiares, pescadores artesanais, extrativistas, acampados, assentados e reassentados da reforma agrária, entre outros - e estarão em contato direto com esses conflitos auxiliando na emancipação social camponesa. (MIRANDA; COVER, 2016, p. 36).

A Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) da UFT/Tocantinópolis teve seu início na instituição em 2014/1, e teve o ingresso da primeira turma em 2015/1. Essa turma formou em 2018/1 e a segunda turma, que entrou em 2015/1 formou em 2019/1, no qual reuniu uma diversidade de povos do campo que entraram na universidade com o vasto conhecimento popular adquirido durante a vida. É essencial assinalar que o curso em Tocantinópolis é a primeira no Brasil com essa habilitação (Artes e Música), o que implica em discutir um pouco sobre essa área no tópico seguinte.

3.2 A arte como área de habilitação na LEDOC da UFT Tocantinópolis

A arte sempre esteve presente em nossa sociedade. Seus primeiros registros se dão a partir das pinturas rupestres, que retratava os animais e a vida no cotidiano das primeiras civilizações da terra, o que possibilita dizer que a arte foi uma das primeiras formas de comunicação humana. Entretanto, essa forma de comunicação retrata também os aspectos culturais de cada sociedade, com uma diversidade de linguagem (BARBOSA, 2012).

Com a necessidade de se trabalhar cultura e identidade, a arte na educação pode contribuir muito para a produção de conhecimento, porém, temos que ter um olhar crítico, pois, segundo Barbosa (1998) arte não é somente ensinar a teoria artística, é também ensinar a contextualizar, apreciar e a ler. Através da arte podemos decodificar os mais diversos códigos visuais que nos acompanha em toda nossa vida, entretanto, essa visão crítica da sociedade via arte pode ajudar a compreender melhor a realidade que nos cerca.

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. A arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, a arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2012, p. 04).

A partir da década de 80 surgiram alguns movimentos sobre a arte e educação no Brasil, ressaltado por Araújo (2016) ao citar a expansão dos conceitos artísticos e as novas concepções metodológicas sobre o ensino e aprendizagem de arte nas escolas. Era uma forma de proporcionar ao aluno “um verdadeiro saber artístico”, porém, percebia-se um descaso com o ensino de arte naquela época pelo poder público, que não “levava a sério” essa área no currículo da escola. Assim, com o surgimento de novas metodologias e discussões acerca da arte na educação surgidas nos anos 90, a concepção de arte como área do conhecimento começou a aumentar, principalmente a partir da criação da Lei 9.394/96, que reforçou a sua obrigatoriedade na Educação Básica e do surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 que ressaltaram as 4 linguagens artísticas (artes visuais, teatro, dança e música como áreas do saber humano) (BARBOSA, 1998).

Podemos notar que as artes são fundamentais para uma construção de identidade, uma vez que as mais diferentes culturas usam das artes para se expressarem e contar um pouco mais de suas histórias, para socializar uma informação, ou relembrar de suas origens por meio de pinturas, esculturas entre tantas outras linguagens. Nesse sentido, não temos dúvidas de que as camadas populares podem ter algum envolvimento com as artes, a partir do artesanato

que produzem, das culturas musicais e de danças, frequente em suas comunidades. É partir disso que se faz importante pensar e discutir sobre a área de habilitação da LEDOC da UFT de Tocantinópolis.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da UFT/Tocantinópolis propõe também formar educadores para trabalhar na disciplina de Arte nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio nas comunidades do campo, que foi uma necessidade trazida anteriormente pelos editais para implantação da LEDOC nas universidades (COVER; MIRANDA, 2016). Com isso, foi possível proporcionar as pessoas do campo uma educação que pense no modo de vida deles e que possa dialogar com a sua realidade a partir da arte.

Quando tratamos da Arte, dentro da área de conhecimento Códigos e Linguagens, estamos abordando diretamente com a forma como o pensamento artístico auxilia o ser humano em sua vivência, no exercício de experimentar, representar e dar sentido ao mundo que o cerca e do qual é parte integrante. A Arte, como manifestação cultural das sociedades e área do conhecimento que aglutina diversas linguagens artísticas - entre as quais, são trabalhadas, neste curso, a Música e as Artes Visuais - trabalha a sensibilidade, a percepção, a imaginação, a reflexão, possibilitando uma abordagem do mundo sob um viés poético e estético. Dentro da área de conhecimento Códigos e Linguagens, em um curso de Licenciatura em Educação do Campo, essa abordagem se fortalece e se amplifica o uso da arte na luta política. (COVER; MIRANDA, 2016, p. 37-38).

Ou seja, a arte na Educação do Campo não é apenas um meio de expressar sentimentos, ou mesmo de dialogar com a realidade do camponês. É também uma forma de ampliar os conhecimentos do homem e da mulher camponeses a respeito da sua luta pelo direito a terra e à educação. Com esse pensamento, a arte no campo deve considerar as particularidades e necessidades de seus educandos, tendo nos educadores e educadoras do campo, importantes mediadores culturais (PIANOWSKI, 2014, p. 75).

[...] na medida em que a arte é afirmação, expressão e objetivação do homem, entendido este não de um modo abstrato, mas concreto (como ser social, histórico), a arte mergulha suas raízes neste filão autêntico e profundo do humano que é o popular. Por tal conteúdo popular, a arte parte de um agora e de um aqui, mas, longe de sentir-se prisioneira de seu tempo, eleva-se graças a sua substância popular- ao universal humano. (VASQUEZ, 2011, p. 255).

Por isso que a arte não pode ser desfragmentada de sua essência que retrata tempo, sentido e até mesmo identidade dos povos do campo, uma vez que trabalhar a arte e suas expressões culturais, são aspectos importantes para enaltecer a cultura popular. No caso da LEDOC da UFT/Tocantinópolis, o curso faz uma abordagem interdisciplinar trabalhando a

arte com o cotidiano do campo, traçando meios para que o conhecimento de pertencimento seja cada vez mais fortalecido pelo homem e mulher do campo. Nesse sentido, os artistas das comunidades, por exemplo, têm um papel fundamental em potencializar os saberes produzidos nesse meio, proporcionando a eles mesmos refletirem e dialogarem acerca de questões de seus interesses, como a reforma agrária, direito à educação, fundamentais para terem uma melhor compreensão de mundo a sua volta.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISES DOS DADOS

Venho neste momento apresentar as análises dos questionários semiestruturados aplicados aos egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins, Campus Tocantinópolis. Esses questionários têm o objetivo de compreender as falas deles acerca de sua formação acadêmica e quais benefícios o curso trouxe a eles, os pontos positivos e negativos referentes à metodologia adotada no curso, entre outras questões. Vale ressaltar que buscamos também compreender o perfil desses egressos, de qual localidade eles são e se o curso contribuiu para a sua formação acadêmica. Gostaríamos de ressaltar que as perguntas foram construídas com a ideia de que há uma diversidade de pensamento dos povos do campo que frequentaram o curso.

4.1 Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre as dificuldades encontradas no curso

Para Molina e Sá (2011) a Educação do Campo consiste em trabalhar uma forma curricular que garanta ao aluno o manuseio sistemático da relação prática-teórica-prática vivenciado no ambiente social e cultural de suas origens, importante para uma melhor interpretação de mundo. Nesse sentido, além de buscar fortalecer a ideia de práxis, pautada por Freire (1987),

O desafio mais impactante na implementação de novos currículos na Universidade Federal do Tocantins (UFT) está na mudança desejada de avançar e, talvez, superar o enfoque disciplinar das nossas construções curriculares para a concepção de currículos integrados, através e por meio de seus eixos transversais e interdisciplinares, caminhando na busca de alcançarmos a transdisciplinaridade. Considerando que desejar é o passo inicial para se conseguir, apostamos que é possível abordar, dispor e propor aos nossos alunos uma “relação com o saber” (CHARLOT, 2000), em sua totalidade complexa, multirreferencial e multifacetada. (PPC, 2016, p. 24).

De acordo com essa proposta curricular idealizada principalmente na Educação do Campo, baseada nessa diretriz, iniciamos a aplicação dos questionários a diferentes egressos do curso. Em uma das perguntas, “Os pontos positivos que o currículo trouxe ao longo de sua formação acadêmica?”, as repostas deles foram:

Aluna B: Os pontos positivos são a diversidade de conteúdos que o curso nos trás como as aulas teóricas e com as aulas práticas, a alternância para ajudar no trabalho do campo para quem precisa.

Aluna C: Meus conhecimentos que ninguém me tira.

Aluno D: Os pontos positivos do nosso currículo é a grande variedade de áreas trabalhadas.

Aluna E: O currículo é bem abrangente e nos traz uma demanda de oportunidades de atuação dentro do ramo educacional.

Aluno F: Os pontos positivos foram vários mais cabe aqui citar alguns como a Pedagogia da Alternância, Conceitos Freirianos, Seminário Integrador, o colegiado que não media esforços para conseguirmos as aulas de campo entre outros.

Aluna G: Disciplinas que valorizam a vivencia do aluno no campo e que abrangem discursões como a cultura indígena e quilombola

Aluna H: A parte dos trabalhos no quilombo.

Aluna J: Formando pessoas para o campo

Aluna L: Os pontos positivos foram às disciplinas de movimentos sociais que vieram como forma de quebrar paradigmas, as disciplinas de construções narrativas que ensinou na prática como trabalhar artes cênicas com os sujeitos do campo, as disciplinas de musica foram boas em partes.

Segundo o PPC do curso (2016), na base curricular desenvolvida para o Curso de Educação do Campo se propõe a trabalhar eixos transversais que desenvolvam a interação com o processo educativo, que vem de uma posição contra hegemônica ao criar uma relação do aluno com o saber. Nesse sentido, ao analisar as respostas dos egressos, é possível notar nas falas da maioria deles que se têm um êxito as contribuições do curso para a suas formações, pois o curso buscou quebrar os paradigmas criados na educação tradicional, que não considera as especificidades da criança, jovem e adulto que moram no campo. Quando se pensa nas novas formas metodológicas e curriculares, observamos também que o PPC do curso (2016) busca trabalhar o currículo em consonância com a realidade do camponês, e isso, está presente nas falas dos egressos, ao relatarem que o curso abordou as suas realidades de diferentes maneiras ao longo da graduação. Isso é importante, pois esses egressos vivem em uma realidade campesina, no extremo norte do país e quando frequentam a universidade, trazem com eles diferentes experiências de vida construídas no campo. Por isso, é importante

trabalhar mais a realidade deles nas universidades. Trabalhando aspectos educacionais, problematizando e realizando a interdisciplinaridade, os egressos em suas falas reafirmam a importância de manter o vínculo com suas raízes e, isso, o curso, apesar de todas as dificuldades, conseguiu fazer com êxito.

No entanto, uma das respostas nos chamou a atenção: a aluna A afirmou que não se lembra do currículo do curso, o que para nós, deixa claro que ela não fez o curso com o objetivo de se tornar uma educadora do campo, mas, talvez, apenas para obter um diploma de ensino superior.

De forma geral, é possível notar que as respostas se relacionam, mesmo observando a heterogeneidade de egressos oriundos de diferentes regiões, o que é importante para afirmar que o curso buscou atender as especificidades de seu público. Diante disso, alguns questionamentos foram levantados: a Educação do Campo uniu essas diferenças? Ou melhor, observou a problemática histórica criada para a educação voltada às minorias? Essas questões podem ser mais bem respondidas nesses relatos dos estudantes, principalmente da Aluna “J”, ao dizer que o ponto positivo do currículo é “formar pessoas para atuar no campo” e da aluna “L” que fala da disciplina que ajudou a “trabalhar Artes cênicas com os sujeitos do campo”. Ou seja: está claro aqui a ideia de pertencimento e como usar da arte para trabalhar com o camponês.

Nesse sentido, de acordo com Miranda (2014), a arte pode ser utilizada como forma de militância e concordância para realizar vínculos de pertencimento do camponês no curso, e através disso, é possível criar um laço entre estudantes e a proposta curricular da LEDOC. Desse modo, essa conexão do homem do campo com o curso reafirma o motivo de tantos egressos relatarem pontos comuns e positivos que o curso lhe proporcionou, fazendo com que eles tenham construído importantes vínculos com LEDOC da UFT de Tocantinópolis, mesmo sendo de diferentes Estados (Tocantins, Maranhão e do Piauí).

Para compreender o currículo da Educação do Campo segundo as experiências dos egressos, foi perguntado a eles sobre “os pontos negativos do currículo”. As repostas foram:

Aluna B: Um dos pontos negativos é a divisão das disciplinas das habilitações do curso, como por exemplo, alguns conteúdos se sobressaem a mais do que outros, sendo que poderia ser iguais.

Aluna C: Não tenho.

Aluna E: Não consigo visualizar nenhum.

Aluno F: O ponto negativo é que o curso ainda estava em formação com seu currículo em andamento na minha época não souberam como entrelaçar a habilitação que tem o curso, eu particularmente sair do curso sabendo mais de música do que de artes isto porque tivemos mais disciplinas de música do que de artes. Atualmente encontro dificuldade para planejar aulas de Artes, como professores de artes deveriam ter mais planejamentos metodologias para o ensino de arte o curso deveria ter cobrar mais planos de aulas.

Aluna G: A separação das disciplinas que teóricas e praticas de música, elas deveriam começar juntas e logo no inicio do curso.

Aluna J: Apesar de formada para o campo esses professores não estão se expandindo para o campo e tem pouco concurso para área.

Aluna L: Como eu sou da primeira turma faltou muita estrutura para se trabalhar as disciplinas de música. Faltou prática, questão estrutural de currículo também, porque na época não tínhamos todos os professores ainda.

Um ponto importante e significativo na maioria das respostas dos alunos egressos se refere à infraestrutura do curso, que na época deixou a desejar, já que as duas primeiras turmas não tiveram um alojamento para o Tempo Universidade, por exemplo, que só foi concretizado no ano de 2018, ou seja, o curso só teve alojamento para os estudantes após se formarem. Tendo em vista que das LEDOC do Brasil essa é a única que habilita em Artes e Música, o Aluno “F” diz que “o curso ainda estava em formação com seu currículo em andamento na minha época não souberam como entrelaçar a habilitação que tem o curso”, neste caso, segundo o discente, é preciso fazer uma melhor distribuição das disciplinas das áreas de artes no curso, pois em sua época não houve um equilíbrio na quantidade de disciplinas de artes ofertadas ao longo dos períodos, ou seja, tinha mais disciplinas de músicas e poucas de teatro e artes visuais, e essa problemática é confirmada também pela aluna “B” que cita o não equilíbrio dessas disciplinas durante a sua graduação.

Ao analisar as duas perguntas que cita os pontos positivos e negativos sobre o currículo da LEDOC da UFT/Tocantinópolis, podemos notar que há ainda muitos desafios a serem vivenciados e superados, uma vez que a LEDOC ainda é nova, com pouco mais de 5 anos de existência, o que demanda um esforço coletivo tanto de professores quanto de alunos na melhor forma de desenvolver esse curso. Nesse sentido, construído a partir de uma realidade que respeite os saberes, identidades e culturas do camponês, o curso pensa o homem e a mulher do campo como seres permeados de conhecimento e que os demais adquiridos vão

somar com as suas práticas, sem distanciar ele e ela de sua identidade cultural (MOLINA; HAGE, 2015).

Como foi expresso anteriormente, foi citada a importância do currículo em uma graduação que propõe trabalhar nas perspectivas contra-hegemônicas, trabalhando as experiências dos alunos a partir de suas vivências como parte fundamental no processo de aprendizagem. Nesse processo, a Educação do Campo é uma luta por condições e acesso a educação de povos do campo, sendo que na maioria das vezes esse acesso é negado, ou porque não se tem muitas escolas no meio rural, ou não se oportunizam meios de acesso para aquele camponês dar continuidade em seus estudos em uma escola ou universidade, por exemplo.

A esse respeito, Paulo Freire (1996) menciona em suas obras que os professores têm que combater os métodos tradicionais, que chamamos aqui de “silenciadores”, ou seja, aqueles métodos que “silenciam” os alunos, não dando oportunidade a eles de se expressarem e de assumirem um protagonismo no seu processo de aprendizagem. Além disso, na perspectiva de Freire, a avaliação tem que ser libertadora e não “domesticadora”, por isso que é importante pensar em metodologias de avaliação que considerem a realidade do educando, assim como ocorre na Educação do Campo.

Tendo em vista que o curso passou por uma reformulação do novo PPC, ao analisar brevemente o atual (PPC de 2019) podemos notar que as disciplinas foram um pouco mais equacionadas dentro do quadro curricular do curso, principalmente a música (as de artes visuais ainda são poucas, em comparação com teatro e música que aumentaram em quantidade no currículo), proporcionando ao aluno uma melhor formação acadêmica em teatro e música, e um pouco menos em artes visuais, respondendo o que o aluno “F” diz ao expor sobre dificuldade que é a distribuição dessas disciplinas quando cursava o curso em questão.

4.2 Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua formação acadêmica

Ao tentar fazer um diagnóstico do perfil dos egressos, é preciso analisar o que a formação acadêmica proporcionou a eles. Nesse sentido, foi realizada a pergunta sobre “qual importância o curso teve para sua formação?”, algumas respostas seguem abaixo:

Aluna A: Quase tudo na minha vida mudou, porque eu passei a ver o mundo a minha volta com mais atenção, a me orgulhar do meu

povo, da minha história dos meus costumes, me fazendo se interessa ainda mais pela minha realidade, sem conta a bagagem de conhecimento que adquiri durante esses quatros anos que estão me servindo ainda hoje.

Aluna B: O curso de Educação do Campo, foi de grande importância na minha formação por vários motivos, um deles foi aprender a dialogar com os conteúdos teóricos e com a nossa realidade, aprender e compreender como funciona a nossa sociedade e a partir então ter um olhar crítico.

Aluna C: Muitas mudanças na minha vida. Me encontro hoje uma mulher com mais conhecimentos e empoderada pra defender meus direitos e da minha classe, que são as trabalhadoras e trabalhadores rurais.

Aluno D: A importância do curso na minha vida acadêmica, foi de fundamental importância devido ter aprendido de maneira que mostrasse o mundo de outra forma pelo o conceito já determinado pela a educação tradicional. Onde pude obter conhecimento do verdadeiro lado das lutas existente a cada dia dos movimentos e mostra a importância do ato de ensinar.

Aluna E: O curso foi importante para mim pois me agregou conhecimento, me trouxe novas oportunidades de conhecer pessoas e lugares, me permitiu ter um novo olhar para o mundo à minha volta, me fez questionar coisas antes imperceptíveis e que eu achava não terem relevância e enfim, contribuiu para que eu evoluísse enquanto pessoa.

Aluno F: O curso teve muita importância tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal o mesmo possibilitou coisas novas, abriu portas no mercado de trabalho, foi o norte para o ganho de conhecimentos, na minha formação como ser pensante da realidade que vivemos. Contudo nos quatro anos de curso o mesmo mudou minha vida para melhor.

Aluna G: Muito importante, porque jamais imaginei passar em qualquer vestibular para a UFT, e quando passei fiquei muito feliz e isso foi muito bom para a minha formação e minha auto estima.

Aluna H: Teve baste constrição, na área da música .

Aluna I: O curso foi de fundamental importância desde o início para mim, pois me possibilitou a conhecer a minha comunidade que até então não há conhecia, e me permitiu a chegar em conclusões que tanto queria descobrir digo a respeito do meu problema de estudo monográfico, atualmente eu carrego o curso de educação do campo comigo pois é onde me possibilita a subir degraus na vida acadêmica e a expressão Educação do Campo e o meu assunto de

debate, pois é e minha formação em qualquer lugar e degrau que eu avançar.

Aluna J: Ele foi relevante principalmente para conhecer a minha própria realidade, pois, sou uma pessoa que nasci e morei no campo, mas não tinha o conhecimento dos meus diretos de moradora do campo.

Aluna L: Bom, primeiramente o curso mudou minha visão e forma de ver o mundo e as pessoas que por séculos se encontram invisibilizadas por esse sistema opressor e exclusivo que vivemos.

Em suas falas, a maioria dos alunos expressou a gratidão enquanto educadores do campo, após terem cursado o curso na LEDOC em Tocantinópolis. Nessa análise, é comum em suas falas o “ver o mundo com outros olhos”, ou seja, o curso proporcionou, dentre outras coisas, ampliar os conhecimentos de mundo dos estudantes camponeses, e isso, pode ser reforçado por Trojan (2008, p. 37), ao dizer que esse conhecimento científico aprendido na universidade é intercalado com o saber popular que eles trazem do campo para essa instituição, fundamental para ampliar a visão de mundo deles:

Processo de ensino e aprendizagem envolve conhecimentos teóricos e práticos porque é uma atividade intencional que exige conhecimentos, estabelecimento de objetivos, planejamento, intervenção e avaliação para atingir sua finalidade. Por essa razão, deve ser científica e sistemática e não espontânea e casual, pois envolve um processo de transformação da realidade, cujo resultado deve ser a aprendizagem dos elementos necessários para a formação humana em determinado contexto social.

Nesse sentido, a partir de todo conhecimento adquirido na graduação, é possível notar que o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelos estudantes da LEDOC os tornaram pessoas capazes de realizar uma transformação social em suas vidas, ou seja, a educação os transformou para atuarem como sujeitos críticos e protagonistas de suas comunidades, como cita a Aluna “L” ao dizer que “o curso mudou minha visão e forma de ver o mundo e as pessoas que por séculos se encontram invisibilizadas por esse sistema opressor e exclusivo que vivemos.” Ou seja, essa mudança ocorreu em sua formação acadêmica e foi constatada pela visão contra-hegemônica construída no curso e apreendida por ela, reforçada também pela fala do Aluno “D”, ao explicar que a Educação do Campo foi importante para perceber que eles vieram de uma educação tradicional que pouco os valorizavam enquanto sujeitos do campo.

A esse respeito, Molina (2017) esclarece que a educação de modo tradicional limita os alunos na aprendizagem, pois eles somente verbalizam de forma autoritária e não são

motivados a participarem como ser criativo participativo e crítico, além de serem expostos a uma forma submissa de aprendizagem pautada pela obediência. Esse modo de ensino é combatido na Educação do Campo, e lembrado pelas respostas dos alunos “B” e “F” que frisam a importância do olhar crítico que o curso proporcionou a eles.

A procura de compreender a formação acadêmica do egresso da LEDOC de Tocantinópolis leva a discutir e enfatizar o percurso e a formação deles, para que seja possível notar essa realidade contada a partir das vivências de cada um, seus saberes e suas culturas. Diante disso, considerada a heterogeneidade de pessoas e das diferenças encontradas nos mais diversos pontos de vista, enfatizados nos seus relatos, questionamos os egressos sobre “Os pontos positivos que foram encontrados ao longo de sua formação acadêmica”. Essas foram as suas respostas:

Aluna A: Aprendizagem, Interação, Orgulho, Bons educadores e o Tempo comunidade.

Aluna B: Proporcionou-me a novos conhecimentos, aprendi a me comunicar melhor, e conhecer novas realidades que foram fundamentais para o aprendizado.

Aluna C: Em todos os aspectos. Hoje eu tenho outra visão de mundo. Consigo fazer leitura de várias formas, como percepção visual.

Aluno D: Os Pontos positivos que encontrei na formação acadêmica foi a busca sem limite pelo o conhecimento, onde nos mostra a importância do aprender com todos.

Aluna E: Os pontos positivos foram: o conhecimento adquirido, a oportunidade de enriquecer meu currículo.

Aluno F: No decorrer de minha formação pude conhecer pessoas novas, culturas, costumes e lugares diferentes. O ganho intelectual foi de suma importância, ainda na formação veio o primeiro trabalho remunerado graças ao curso na qual foi um projeto de extensão, enfim entre outros pontos positivos.

Aluna G: Um diploma emitido pela UFT, o ensino transmitido por professores altamente qualificados e humanos, capaz de entender e ajudar is alunos com dificuldades e amigos maravilhosos.

Aluna H: Vários pontos têm contribuído com minha profissão: postura na apresentação, os aquecimentos antes de apresenta.

Aluna I: Participação em Eventos, Participação em Monitorias, Conhecimento adquirido, Escrita de trabalhos Acadêmicos, Viagens de Campo, Conhecer outras culturas (Comunidades) Entre outros.

Aluna J: Conhecimento sobre os direitos do homem do campo.

Aluna L: Enumerei abaixo alguns pontos positivos: 1) A inserção e desmistificação da atuação dos movimentos sociais; 2) A mudança de visão em relação aos conhecimentos empíricos; 3) A luta por justiça Social; 4) A aproximação e reconhecimento da arte camponesa; 5) A valorização dos sujeitos e sujeitas do campo; 6) A pedagogia da Alternância.

Ao analisar as respostas dos egressos, observamos que a maioria relata que a sua formação acadêmica teve como pontos positivos terem aprendido a compreender melhor a realidade do campo, a terem tido a oportunidade de estudarem com professores qualificados, de terem aprendido com disciplinas que dialogam entre si, mantendo a interdisciplinaridade característica do curso, a ampliarem os seus conhecimentos acerca da Educação do Campo e das artes, bem como do fato de terem conseguido, com tantas dificuldades, um diploma de ensino superior de um curso que seja voltado a suas especificidades. Nesse sentido, o conhecimento teórico e acadêmico aprendido no curso que, para a maioria deles era desconhecido, os ajudaram a compreender que a Educação do Campo não envolve apenas uma educação voltada aos povos do campo, mas uma educação problematizadora, emancipadora, que luta contra as mazelas que a sociedade lhe impõe, que dela também pode-se produzir pesquisas e a realizar estudos dos mais diversos.

A formulação do curso LEDOC UFT/Tocantinópolis parte do diagnóstico de que a interdisciplinaridade é importante, porém, o que predomina no meio universitário é fortemente caracterizado por um modelo fragmentado, disciplinar. A proposta do curso é de apostar na interdisciplinaridade como matriz formativa, como concepção de organização curricular, buscando adequar a prática no decorrer do andamento do processo formativo, ou seja, a partir da análise da prática, refletir e aperfeiçoar, aprimorando o fazer educativo. A possibilidade de construir a interdisciplinaridade no decorrer do processo pedagógico supõe a flexibilidade do planejamento e a adequação de acordo com a avaliação do trabalho em andamento. (MIRANDA; COVER, 2016, p. 40).

Em suas falas a maioria dos alunos expõe os pontos positivos de sua formação acadêmica, entre elas a aluna “L” ao relatar aspectos importantes que o curso propõe para a formação acadêmica do estudante, que neste caso, é o uso da arte como afirmação da cultura humana. Nesse sentido, sabemos que o curso de Educação do Campo reforça a ideia de cultura e reconhecimento da identidade do povo camponês, através de produções artísticas

como os desenhos, as pinturas, os artesanatos, a música, as danças, os teatros entre outras produções. Isso é importante também para compreenderem que a pintura, a música e o artesanato que fazem em suas comunidades, também é arte. Além disso, outros pontos positivos observados são os projetos de extensão desenvolvidos no curso que contribuem para a formação e atuação docente explicada pelo aluno “F”, ao relatar em suas respostas essa relevância da participação da comunidade na sua vida acadêmica. Vale ressaltar que o curso de Educação do Campo da UFT de Tocantinópolis realiza bastantes projetos de extensão, tanto nos tempos universidades, quanto nos tempos comunidades, o que é importante para manter um diálogo na produção de saberes com os diversos camponeses e comunidade em geral.

Buscando um melhor entendimento acerca da formação dos egressos na Educação do Campo, perguntamos sobre “Quais os pontos negativos encontrados ao longo da formação docente?”. Alguns de seus depoimentos seguem abaixo:

Aluna A: A estadia e alimentação, Algumas disciplinas, Os horários das aulas, a ida de minha casa até Tocantinópolis.

Aluna B: Na verdade não foram pontos negativos, mas encontrei alguns desafios como, por exemplo, algumas disciplinas que foram difíceis, não saber lidar com a grade curricular do curso etc.

Aluna C: Os pontos negativos que posso falar, eu era da primeiro turma. E não tivemos os laboratórios, com isso ficamos prejudicadas (os).

Aluno D: Não tive pontos negativos na minha formação acadêmica.

Aluna E: O principal ponto negativo com o qual me deparei foi o fato de que existe uma imensa desvalorização do curso de Educação do Campo. Esta, foi sentida tanto no decorrer do curso, com pessoas do meio acadêmico, quanto após a conclusão, no mercado de trabalho.

Aluna G: A distância da família, por ser Piauí, as viagens sempre foi muito complicada. Me deparar com um ensino acadêmico depois de 20 anos fora de sala de aula em uma sala que tinha a maioria jovens. A música por ser muito difícil o entendimento. E o calendário escolar que mudava quase todo período.

Aluna I: Aulas de música muito exigente (alguns professores não são reflexivos às vezes, pois além de ser disciplinas muito difícil e algo novo para o público que o curso atende.) Não tivemos mais opção de instrumentos, pois foi ofertado apenas dois (Violão e flauta) e

mesmo não gostando tinha que fazer para poder passar e ir para frente e Falta de laboratórios

Aluna J: Perceber que ainda lutamos pelo direito à educação.

Aluna L: A inserção e reconhecimento da área de atuação no mercado de trabalho; a desvalorização docente; A falta de Investimento para a construção dos laboratórios de arte no curso de Educação do campo para uma melhor formação.

Ao longo de suas respostas, é possível constatar que a falta de laboratórios e alojamentos na época, bem como as metodologias utilizadas em algumas disciplinas, foram as mais citadas por eles como pontos negativos no curso. Os laboratórios são fundamentais para trabalhar as disciplinas de arte do curso, intercalando a teoria com a prática; portanto, fazem parte do processo pedagógico do curso e da aprendizagem deles. Contudo, vale fazer uma observação: na época das duas primeiras turmas (2014 e 2015), os projetos dos laboratórios existiam teoricamente, mas não estava concretizado em sua materialidade, o que foi ocorrer apenas em 2019. Porém, um dos relatos ainda se mostra bastante atual, o da aluna “L”, ao dizer sobre a falta de investimentos nos laboratórios, o que demonstra que, mesmo tendo os espaços físicos (embora não estejam devidamente totalmente equipados), ainda passam por dificuldades para o desenvolvimento de atividades práticas nesses espaços de formação. Além disso, as disciplinas de música necessitam de sala especial com revestimento acústico e com cadeiras que acomodam e permitam usar os instrumentos musicais adequadamente.

É possível notar que os alunos expõem algumas dificuldades que são notórias, como no relato da aula “E”, ao mencionar a falta de valorização do curso e da área entre alguns acadêmicos da instituição, o que pode prejudicar a interação dos alunos dos outros cursos da UFT com os acadêmicos da LEDOC. Com essas falas, observamos que há falta de conhecimento e interesse de outros acadêmicos a respeito do que seja e como funciona o curso, visto que desses, destacamos professores e estudantes de outros cursos, sobre o que é o curso de Educação do Campo e como o mesmo funciona. Talvez algumas das soluções para resolver esse problema fossem mostrar as produções artísticas e científicas produzidas no curso por estudantes nos tempos universidades e tempos comunidades, e também fazer palestras explicativas sobre o curso e sua habilitação para a comunidade acadêmica. Isso implica também no mercado de trabalho, que parece conhecer pouco o curso, com isso os egressos tem dificuldade na inserção no mercado de trabalho. A aluna “J” cita que ainda lutamos pelo direito à educação, na qual deixa claro que o jovem e o adulto camponês ainda

luta por um direito à educação, de frequentar e permanecer tanto na escola quanto na universidade.

Outra resposta que chamou a nossa atenção é da aluna “I” ao citar as “aulas de música muito exigentes (alguns professores não são reflexivos às vezes, pois além de serem disciplinas muito difíceis e algo novo para o público que o curso atende), não tivemos mais opção de instrumentos, pois foi ofertado apenas dois (violão e flauta) e mesmo não gostando tinha que fazer para poder passar e ir para frente e Falta de laboratórios”, que evidencia um desafio nas aulas de música no curso: entendimento por parte de alguns alunos a respeito das metodologias de avaliação de cada disciplina, além da adoção de metodologias e processos de avaliação que possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem do educando.

4.3 Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a sua expectativa de formados no curso

Ao analisar o perfil dos egressos, é preciso também conhecer a sua realidade antes de ingressarem no curso, para que seja possível analisar as suas ideias a partir de suas vivências e experiências de vida, importante para entender o modo de pensar do homem e da mulher do campo. Nesse sentido, questionamos: “Quais atividades você exercia antes de entrar no curso?”. Assim relataram:

Aluna A: Vendedora, Artesã, Cabeleireira.

Aluna B: Era apenas estudante do Ensino Médio.

Aluna C: A mesma que faço hoje. Sempre orientei os trabalhadores, mas hoje oriento com mais conhecimentos.

Aluno D: Antes de entra no curso de educação do campo, já estudava um curso profissionalizante técnico, e também estudava para ingressar no nível superior.

Aluna E: Estudava.

Aluno F: Nenhuma apenas estudava

Aluna G: Produtora rural e artesã.

Aluna H: Sou cantora e faço palestras falando de cabelo afro.

Aluna I: Secretária.

Aluna J: Sou funcionária pública do município.

Aluna L: Antes de entrar no curso, eu estudava cursos técnicos, depois iniciem trabalhando na secretária da EFABIP.

Em suas respostas, é possível verificar que alguns educandos estudavam, outros tinham relação com os movimentos sociais do campo e outros trabalhavam como professores, mas sem formação superior. Ou seja, a maioria dos egressos veio do Ensino Médio ou profissionalizante, e isso implica nos processos de adaptação deles ao contato com a escrita e conteúdo teórico que a universidade proporciona, o que pode ter gerado dificuldades em compreender determinados textos e conteúdos trabalhados ao longo da graduação. Esses dados também permitem perceber que esse perfil de egressos é composto tanto por aqueles que estudavam e tinham relação com a terra, como aqueles que não tinham essa relação, porém, a maioria entendia que o ensino proposto no curso tinha que seguir na perspectiva defendida por Paulo Freire: uma educação libertadora.

Nas respostas dos egressos verificamos também algumas interessantes como, por exemplo, da aluna “C” ao citar que ela realizava formações com os trabalhadores rurais, mas hoje com o contato com a Educação do Campo, ela pode realizar isso com mais convicção, uma vez que “conhecimento científico produzido pela humanidade nasceu a partir do trabalho e das necessidades de tornar a relação com a natureza mais facilitada e enriquecedora para o ser humano”. (HILÁRIO, 2010, p. 56). No entanto, para a aluna “L”, que estudava antes de ingressar no curso, logo após formar passou a trabalhar na Escola Família Agrícola EFABIP, localizada na cidade de Esperantina-TO, no cargo de secretária escolar.

Como complemento da questão anterior, indagamos sobre “após a sua formação no curso, ainda exerce essas atividades que você citou?”. Essas foram as suas respostas:

Aluna A: De vez em quando exerço estas funções porque isso está presente na nossa realidade e são as oportunidades que temos por enquanto.

Aluna B: Não, mas estou dando continuidade aos estudos.

Aluna C: Sim. Me reconheço uma educadora popular, vejo que os companheiros(as) precisa de mim.

Aluno D: Não

Aluna E: Sim, continuo estudando, apesar de ser de uma forma diferente: antes estudava em unidade escolar, hoje, estudo autonomamente.

Aluna G: Sim, moro em um sitio e gosto de ser produtora e nas horas vagas eu faço artesanato.

Aluna H: Sim. Hoje sou professora mas, não deixei de fazer o que eu fazia antes.

Aluna I: Não. Porque a minha vaga foi preenchida assim que sair para cursar o curso e hoje não tem mais volta.

Aluna L: Depois de formada iniciei a carreira docente na EFABIP.

Ao analisar as respostas podemos perceber que alguns poucos egressos estão exercendo a carreira docente, o que possibilita entender que o curso cumpriu o seu papel de formar educadores e educadoras para o campo. Porém, não é a maioria que está atuando na área após serem formados, e isso, talvez seja pelo fato de que o mercado de trabalho não ofereça ferramentas e/ou oportunidades para que isso aconteça, como falta de concursos na área entre outras questões. O que notamos também, ressaltado principalmente pelas alunas “C” e “H”, é que os vínculos delas se mantem com as atividades exercidas anteriormente ao entrar no curso, e isso está ligada a ideia de pertencimento, ou seja, do camponês que entra no curso e se reconhece na LEDOC, dando continuidade a sua profissão.

Na próxima pergunta do questionário aplicado aos alunos, seguindo na mesma linha de raciocínio, abordamos a seguinte questão: “você atua na área depois de formado?”. Abaixo seguem as suas respostas:

Aluna A: Ainda não estou atuando na área não, este curso ainda sofre um pouco de preconceito por ser educação do campo as pessoas não dão crédito e acaba atrapalhando a nossa inserção no mercado de trabalho, é outro lado falta a oportunidade porque hoje em dia tudo e política, não basta a formação, tem que puxar saco e etc pra ser contratado.

Aluna B: Ainda não, mas pretendo continuar na profissão.

Aluna C: Não. As questões políticas são muito forte, muitos só consegue trabalhar se tiver padrinho político. Não voo atrás, quero minha liberdade.

Aluno D: Não estou trabalhando na área, pelo fato de que a nossa formação ainda ser um curso novo no estado e também o MEC não ofereceu oportunidade para a nossa formação. E também a que na minha cidade a questão política e muito forte, e a falta de responsabilidade dos gestores e muito grande, pelo o fato de que eles contratar pessoas de outras áreas para atuarem na disciplina.

Aluna E: Ainda não.

Aluna G: Não, resolvi continuar com minha formação e fazer uma especialização e um curso prático de LIBRAS.

Aluna H: Sou professora mas atuando em outra formação de Pedagogia.

Aluna I: Não. E a justificativa é a de sempre não há vaga.

Aluna J: Sim.

Aluna L: Sim, trabalho em uma escola família agrícola que trabalha dentro dos princípios da Educação do campo e estou com as disciplinas de Arte, cultura Corporal, produção e Expressão artística e instrumentos da pedagogia da alternância.

Para a nossa surpresa e semelhante à resposta anterior, a maioria dos egressos das duas primeiras turmas não está atuando na área do curso, ou seja, não estão trabalhando como professores e professoras de escolas do campo. Nesse sentido, é possível dizer que o meio social em que vivemos é repleto de dificuldades e que nem sempre as condições são favoráveis para esses egressos atuarem como educadores do campo. Essa constatação é reforçada pelos alunos “C” e “D” ao citarem que, para conseguirem trabalharem em algumas escolas, precisam de ajudas de políticos, ou seja, de indicações de “conhecidos” ou do “poder público”, e não entrada via concursos ou processos seletivos, o que em nossa análise, é preocupante, pois reforça a desvalorização do homem e da mulher camponeses para atuarem em escolas localizadas no meio rural e, mesmo, na cidade, que atendam parcela significativa da população rural residente na região de Tocantinópolis.

Além disso, percebemos ser necessário que o poder público crie mais oportunidades e reais condições de inserção desses egressos nas escolas do campo, pois são professores de Educação do Campo, habilitados em artes que é única no país; portanto, podem preencher um espaço vago ou carente de profissionais dessa área no meio rural de Tocantins (ARAÚJO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019). Acreditamos que para que essa inserção ocorra é preciso que mais pessoas, instituições e o governo municipal, estadual e federal proponham meios e condições para que os professores formados nas LEDOC com artes e música atuem em escolas do campo.

Outro fator relevante que contribuiu para a materialização do curso foi a demanda dos trabalhadores e trabalhadoras do campo manifestadas pelas associações comunitárias localizadas no Bico do Papagaio (compreende 25 municípios), especialmente os Assentamentos (364 projetos de Assentamentos com 24 mil

famílias assentadas), com a qual também se tem a parceria para a realização de projetos de pesquisa e extensão, além de ter estudantes em cursos de graduação oriundos desta e outras comunidades camponesas. (PPC, 2016, p. 19).

Ou seja, essas demandas vêm para suprir uma dívida histórica que a sociedade tem com essa população camponesa que fica à margem dos privilégios, pois em sua criação na UFT precisou da ajuda de movimentos sociais para que fosse pensado, elaborado e concretizado.

A Educação do Campo, ao tratar de uma especificidade, e pelo jeito de fazê-lo, configura-se como uma crítica à forma e ao conteúdo do que se entende ser uma política pública e ao modo de construí-la em uma sociedade cindida socialmente como a nossa. (CALDART, 2009, p. 43).

Por outro lado, a aluna “L” diz que ainda está atuando na escola família agrícola como professora em sua área de formação, trabalhando as disciplinas de “Arte, Cultura Corporal, Produção e Expressão Artística e Instrumentos da Pedagogia da Alternância”, o que é positivo, pois depois de formada conseguiu dar continuidade como professora do campo, importante para salientar a importância dessa área para a educação e continuidade de estudos das pessoas que vivem, trabalham no campo e que sonham um dia ter um ensino superior que dialogue com a sua cultura, identidade e saberes e serem protagonistas em suas comunidades. É uma forma também de enaltecer a necessidade de se ter mais professores atuando no meio rural.

Por outro lado, ao tratar o campo como área de produção de conhecimento, perguntamos aos egressos sobre a sua relação com o campo e se “depois de formado ainda trabalha no campo?”. Essas foram as suas respostas:

Aluna A: Sim porque ainda moro no campo

Aluna B: Não.

Aluna C: Sim.

Aluno D: Não

Aluna E: Não

Aluno F: Como moramos em povoado e temos renda inferior a um salário mínimo usamos nosso pedaço de terra para ajudar no sustento família.

Aluna G: Sim, porque pude voltar a Teresina Piauí onde fica meu sítio.

Aluna H: Sim.

Aluna I: Não trabalho. Apenas moro no campo.

Aluna J: Sim, mas, não como professora, sou a Auxiliar de Serviços Gerais.

Aluna L: Sim.

Ao analisar as respostas pudemos notar que os alunos na grande maioria tem um vínculo com o campo e ainda trabalham no meio rural, isto é, mantêm essa relação com o trabalho no campo. Há alguns poucos estudantes entrevistados que não têm relação com o trabalho no campo, mas moram nesse lugar. Dentre essas respostas, o aluno “F” relata o vínculo com o campo e reafirma que sua família complementa a renda da casa trabalhando no pedaço de terra que possui. Já a aluna “A” expressou também sobre esse vínculo com o campo e que continuava com o trabalho campesino, que é de onde sai o sustento de sua família. Nesse sentido, “o trabalho pedagógico deve contribuir com a perspectiva de que os educandos desenvolvam a capacidade de articular a leitura de suas realidades”. (MOLINA; HAGE, 2015, p. 141), ou seja, se tornar um sujeito crítico da realidade, participativo e considerar as suas especificidades culturais, de identidade e saberes no processo educativo é fundamental para que se reconheçam como homens e mulheres do campo.

Em outra pergunta feita: “O curso cumpriu com os objetivos de formar educadores para o campo?”, os alunos egressos responderam o seguinte:

Aluna A: Sim cumpriu porque a partir que nós, nos formamos e aprendemos a amar o campo com certeza o objetivo foi cumprido para que possamos ser um bom educador no campo e outros.

Aluna B: Apesar dos estágios não serem necessariamente nas escolas do campo, acho que sim, que o objetivo foi alcançado, pois o curso nos ensina como dialogar nas escolas com aspectos do campo.

Aluna C: Sim.

Aluno D: Sim

Aluna E: No meu ponto de vista, sim.

Aluno F: O curso de Educação do campo em Tocantinópolis em suas jornadas pela reforma agrária já mostrava seus objetivos se você fosse fraco desistiria e se fosse forte continuaria e veria que nem só de flores vive o campo. Nem todos saíram com a mentalidade de ser educadores para o campo, mas aqueles que saíram estão fazendo a diferença.

Aluna G: Na minha opinião sim, me sinto muito bem com meu diploma.

Aluna H: Sim.

Aluna I: Sim.

Aluna J: Sim

Aluna L: Acredito que sim, vejo a mudança em mim e em meus colegas de Tuma.

Ao analisar as repostas dos egressos, a totalidade relatou que o curso cumpriu com a proposta que é formar professores para atuar no campo, seja ela no meio formal ou informal. O que pode ser analisado também é que o curso cumpriu com as necessidades que havia de formar professores com habilitação em artes para trabalhar na zona rural no estado, que ainda é carente de profissionais nessa área (ARAÚJO; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2019).

No entanto, na resposta da Aluna “A” ao dizer que “Sim, cumpriu porque a partir que nos formamos e aprendemos a amar o campo com certeza o objetivo foi cumprido para que possamos ser um bom educador no campo e outros”, notamos a eficácia que o curso trouxe para a sua formação no que se refere à aprendizagem via relação teoria e prática. Já o relato da aluna “B”, ao dizer que “Apesar dos estágios não serem necessariamente nas escolas do campo, acho que sim, que o objetivo foi alcançado, pois o curso nos ensina como dialogar nas escolas com aspectos do campo”, deixa claro que existe a necessidade de se realizar os estágios em escolas do campo, já que estão sendo formados para atuar nessas escolas, e sem isso, pode prejudicar o egresso que não conhece a realidade do campo ou de vivenciar essa realidade de forma mais plena.

É possível dizer que as LEDOC trazem esse conjunto de ideias voltadas e construídas para o estudante do campo, principalmente no princípio de formar futuros educadores do campo para trabalhar artes e música. Nesse sentido, Molina (2017) afirma que “a matriz formativa da educação campesina parte do princípio dela como formação humana, recusando a matriz estreita e limitada da escola capitalista, cuja lógica estruturante é a produção de mão

de obra para o mercado”. Assim, os estudantes podem ser capazes de fazer leitura de sua realidade visando à separação da educação emancipatória com a educação hegemônica e elitista, sendo protagonistas de seus aprendizados, ajudando a pensar e solucionar problemas sociais que já existem em suas comunidades.

Com base nas próprias concepções originárias do Movimento da Educação do Campo, não há sentido formar um educador do campo que não seja capaz de compreender as contradições e os processos de acumulação de capital no campo. A formação proposta pela Licenciatura em Educação do Campo, que, em seu Projeto-Político Pedagógico, enfatiza exatamente os componentes curriculares que pouco aparecem ou são ausentes nos cursos tradicionais de formação de educadores, como: economia política, história, filosofia, sociologia, entre outros, que tem por intencionalidade oportunizar formação crítica dos educadores. (MOLINA; HAGE, 2015, p. 134).

Ou seja, a Educação do Campo veio para transformar a realidade do homem e da mulher do campo, para que possam ter condições de atuarem com mais criticidade, participação e autonomia nas decisões que envolvem as questões do campo em suas comunidades e também nas escolas do campo que estejam ou possam vir a trabalhar como professores.

4.4 Discurso dos estudantes egressos da Educação do Campo sobre a alternância do curso

A preocupação em formar pessoas que vivem no campo é importante para não desfragmentar seus conhecimentos e nem desconsiderar o seu local de vida, trabalho e produção. Essa preocupação primeira foi pensada na LEDOC durante a sua criação em Tocantinópolis no ano de 2013, tendo na alternância a sua efetivação. Essa pedagogia “consiste numa metodologia de organização do ensino escolar que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, tendo como finalidade uma formação profissional”. (TEIXEIRA, BERNARTT; TRINDADE, 2008, p. 228).

No caso da LEDOC em Tocantinópolis, a alternância funciona em dois momentos: Tempo Universidade, no qual os estudantes frequentam as aulas na universidade, e o Tempo Comunidade, no qual os estudantes retornam as suas comunidades de origem para, além de exercerem trabalho no campo (lavoura etc.), dão continuidade nos seus estudos (pesquisa e extensão) iniciados no Tempo Universidade. Portanto, a alternância é uma proposta

pedagógica que ajuda os homens e mulheres camponesas a estudar na universidade, sem terem a necessidade de se mudarem do campo para a cidade.

Contudo, a alternância propõe não somente intercalar os tempos de ensino acima mencionados, mas também organiza e produz saberes que esses espaços proporcionam (GIMONET, 1999). Nessa perspectiva, foi realizada a pergunta acerca de sua formação: “Durante a graduação à alternância ajudou a manter o vínculo com o campo?”. Essas foram as suas respostas:

Aluna A: Demais é uma forma riquíssima porque você convivia na Universidade e comunidade. Então tinha uma interação entre as duas e uma completava a outra em sabedoria e informações.

Aluna B: Sim, pois o curso lhe oferece esse vínculo de transição da cidade para o campo, com as atividades praticas e com os saberes.

Aluna C: Sim.

Aluno D: Sim

Aluna E: Sim, conseguia estudar e continuar com as tarefas na comunidade, ainda que de uma forma menos constante.

Aluno F: O meu particularmente sim. Mais nem de todos os alunos que cursavam.

Aluna G: Sim, só assim poderia fazer alguma coisa no sitio

Aluna H: Sim. Essa alternância faz toda diferença.

Aluna I: Sim

Aluna J: Com certeza.

Ao analisar as repostas observamos a empolgação da totalidade dos alunos ao falar sobre a alternância como meio positivo de ajudá-los na sua formação acadêmica no decorrer do curso. Isso só reafirma o papel fundamental dela no processo educativo e formativo deles, e é percebido também que este processo é fundamental não só para alunos que vem do campo, mas também auxiliam nos aprendizados adquiridos em suas comunidades, bairros e cidades, uma vez que essa proposta está descrita no PPC do curso e segue como principal proposta pedagógica usada nas LEDOC de todo Brasil (MOLINA, 2017).

A aluna “A” cita que a “alternância ajudou demais, é uma forma riquíssima porque você convivia na Universidade e comunidade. Então tinha uma interação entre as duas e uma

completava a outra em sabedoria e informações.” Esse depoimento evidencia a forma fundamental que esse tipo de proposta pedagógica causou na vida da aluna, possibilitando a ela ter melhor experiência de aprendizado adquirido na universidade, importante para o desenvolvimento do seu processo de ensino e aprendizagem no curso. Essa experiência é relatada também pela aluna “B” ao reafirmar o bom desempenho na alternância tanto nos ensinamentos teóricos como práticos em sua comunidade, pois lhe proporcionou um olhar crítico sobre sua realidade. Para o aluno “F” a alternância para ele foi bem positiva na sua formação acadêmica.

De acordo com as análises construídas, ficou evidente que somente dois (2) egressos estão atuando na área de formação (educador ou educadora do campo) e uma (1) está atuando em outra área, o que é muito pouco para um curso que formou 66 alunos (42 da primeira turma e 24 da segunda turma), segundo informações da Secretaria Acadêmica da LEDOC da UFT/Tocantinópolis. A esse respeito, segundo as análises feitas, compreendemos que praticamente há vaga no mercado de trabalho para professores atuarem em escolas do campo. Além disso, questões políticas ainda impedem e dificultam a atuação desses docentes formados no curso a ingressarem nessas escolas. Diante desse impasse, o curso se mantém firme nas questões de aprendizagem e de combate a uma educação tradicional, mas ainda há necessidade de trabalhar a questão da atuação docente nas escolas do campo para professores formados em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida com os egressos teve como objetivo compreender qual o perfil deles no curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Tocantinópolis, das duas primeiras turmas 2014 e 2015, a partir de questionários semiestruturados aplicados a eles sobre questões acerca de sua formação acadêmica, enfatizadas neste capítulo. Buscamos também fazer relação entre a proposta do curso, via análise do PPC (2016) com os relatos de estudantes formados.

A pesquisa constatou que o currículo da LEDOC de Tocantinópolis objetiva dialogar com a realidade do estudante camponês, buscando reafirmar as suas origens e a sua cultura, expresso nas disciplinas do curso e nas atividades de pesquisa e extensão realizadas nessa LEDOC. Mas também esse currículo precisa ser pensado nas divisões de disciplinas sobre as habilitações do curso, no qual precisa ser mais equacionada as disciplinas de Arte, Música e as específicas em educação, pois segundo as respostas dos alunos analisadas nesta pesquisa, pudemos perceber que algumas áreas têm mais disciplinas que a outra (música, por exemplo), além disso, a pesquisa desenvolvida relata que o curso teve uma imensa importância nas vidas da maioria dos egressos, pois buscou trabalhar com a realidade deles, respeitando as suas especificidades, experiências com o campo e as artes que muitos deles produziam nas suas comunidades (uma vez que o curso tem artistas autodidatas), empenhando na formação crítica deles, respeitando o aprendizado já adquirindo por eles durante a vida, fundamental para combater um ensino tradicional que pouco dialoga com a suas realidades. Para efetivar esse processo, a alternância adotada no curso cumpriu o papel de articular o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes do curso em tempos educativos que respeitassem as suas vidas no campo, o trabalho com a lavoura, o plantio na época certa entre outros, importante para a Educação do Campo que se propõe: uma educação libertadora e transformadora.

No que se referem aos pontos positivos relatados pelos alunos sobre a importância do curso, a maioria relatou que o curso teve grande relevância na vida profissional e pessoal deles, ao evidenciarem que as suas vidas mudaram para melhor: ou ampliaram os seus conhecimentos acerca da Educação do Campo, se tornando sujeitos mais críticos e com tomada de consciência da realidade, fazendo diferença em suas comunidades, ou como professores do campo que, embora a maioria não esteja atuando em escolas do campo, se

constituíram no curso como educadores e educadoras para atuarem em uma área bastante carente no estado do Tocantins: Arte em escolas rurais.

Ao citarem alguns pontos negativos sobre a sua formação na LEDOC, os egressos ressaltam a má distribuição das disciplinas de artes e música no currículo do curso, que segundo eles, tem pesos diferentes e não são tão bem organizadas no currículo. Sobre isso, destacamos que no curso há mais disciplinas de música, do que de artes visuais. Além disso, os egressos citaram também a falta de laboratórios para realização das disciplinas de arte e música (na época deles, os laboratórios existiam apenas no papel. Hoje, os laboratórios já funcionam em espaços reservados a eles no campus de Tocantinópolis, mas sem ainda alguns equipamentos, como, por exemplo, a falta de forno para queima da cerâmica e torno elétrico no Laboratório de Artes Visuais).

Por fim, observamos que o perfil dos egressos 2014 e 2015 em Educação do Campo é de uma maioria de alunos que não atuam na área, mas vivem no campo com realidades diferentes: alguns ainda vivem no contexto de trabalho rural e outros somente estudavam antes de entrar na universidade. O conteúdo teórico/prático proporcionado pelo curso fez com que eles assumissem suas identidades e tivessem uma posição contra hegemônica pautada na perspectiva de uma educação libertadora. Ainda mais, foi notado que são egressos que precisam atuar em suas áreas de formação, pois existe a demanda de professores de arte para o campo, mas para isso, são necessários concursos públicos e processos seletivos na área de artes no estado do Tocantins, para suprir essa demanda. Contudo, entendemos que o fato de não estarem atuando na área pode ser devido à carência de investimentos na área (Educação do Campo) na região analisada, mas que pode ser amenizada com a inserção desses jovens e adultos via concursos públicos e maior atenção do poder público para a população campesina do estado do Tocantins.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. C. Arte/educação no campo: algumas reflexões. In: SILVA, C.; MIRANDA, C. F.; AIRES, H. Q. P.; OLIVEIRA, U. F. (Orgs.). **Educação do Campo, Artes e Formação Docente**. 1ed. Palmas: EDUFT, v. 1, 2016, p. 147-167.
- ARAÚJO, G. C.; OLIVEIRA, S. B.; ALMEIDA, L. S. A formação do professor de Arte em Tocantins: velhos desafios e problemas na educação brasileira. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 5, n. 2, p. 176-189, 2019. Doi: <https://doi.org/10.24115/S2446-6220201952638p.176-189>
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BARROS, A. J. P; LEHFELD, N. A. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa II: questões para reflexão**, pp. 103-126. Brasília, DF: MDA/MEC, 2010.
- CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.
- COSTA, M. L.; CABRAL, C. L. O. **Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática**. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 1, n. 2, p. 177-203, 2016.
- COVER, M.; MIRANDA, C. F. Universalização de saberes: abordagens interdisciplinares na licenciatura em educação do campo. **Revista Congreso Universidad**, v. 5, p. 33-48, 2016.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- FALEIRO, W.; FARIAS, M. N. Formadores de professores em Educação do Campo em Goiás. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 1, n. 1, p. 88-106, 2016. Doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2016v1n1p88>
- FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; S. JESUS, M. S. (Orgs.). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do campo**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2004, p. 32-53.
- FERRARI, G. M.; FERREIRA, O. S. Pedagogia da Alternância nas produções acadêmicas no Brasil (2007-2013). **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 1, p. 495-523, 2016. Doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2016v1n2p495>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMBOA, S. A. S. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Contrapontos**, Itajaí, v.3, n. 3, p. 393-405, set./dez. 2003.

GIMONET, J. C. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as casas familiares rurais de educação e de orientação. In: **Anais do Seminário Nacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e desenvolvimento**, Salvador, Bahia, p. 39-48, 1999.

HILÁRIO, E. O trabalho como processo educativo/formativo. **Revista de Educação do Vale do São Francisco (REVASF)**, v. 1, p. 96-102, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, G. P.; PEREIRA, M. C. (Orgs.). **Pesquisa Científica em Ciências Humanas**: Uma Introdução aos Fundamentos e Eixos Procedimentais. Uberlândia-MG. Navegando Publicações, 2018.

MIRANDA, C. **O teatro na voz operária**: Grupo Teatral Cultura Social e o anarquismo em Pelotas-seus operários e suas palavras. Dissertação (Mestrado em Teatro). Universidade Federal de Pelotas. Recuperado de: http://www.ceart.udesc.br/ppgt/dissertacoes/2014/cassia_miranda.html.

MOLINA, M. C. Contribuições das licenciaturas em educação do campo para as políticas de formação de educadores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 140, p. 587-609, jul./set. 2017.

MOLINA, M. C. Expansão das licenciaturas em Educação do Campo: desafios e potencialidades. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 145-166, jan./mar. 2015.

MOLINA; HAGE, S. M. Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior. **Educação em Questão**, Natal, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.

MOLINA, M. C.; HAGE, S. M. Política de formação de educadores do campo no contexto da expansão da educação superior, **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 51, n. 37, p. 121-146, jan./abr. 2015.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. A licenciatura em educação do campo da Universidade de Brasília: estratégias político-pedagógicas na formação de educadores do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão (Org.) **Licenciaturas em educação do campo** – registros e reflexões a partir das experiências piloto. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

NOSELLA, P. **Educação no campo**: origens da pedagogia da Alternância no Brasil. Vitória, ES: EDUFES, 2012.

PPC. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação do Campo Habilitação em Artes e Música**. Tocantinópolis: Departamento de Educação do Campo, 2016.

PIANOWSKI, P. Educação do campo e o ensino de artes visuais: contexturas. **Invisibilidades: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes**, Porto, n. 6, p. 70-77, 2014.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, Novo Hamburgo: 2. ed. Feevale, 2013.

SALES, S. S. O cenário político e socioeconômico do campo no séc. XX. In: LIMA, Elmo; Moura da Silva, Ariosto. (Org.). **Diálogos sobre educação do campo**. 1ed.Teresina: Edufpi, 2011, v. 1, p. 13-39.

SILVA, A. M. Educação do campo: Uma breve (re)construção Epistemológica. In: LIMA, Elmo; Moura da Silva, Ariosto. (Org.). **Diálogos sobre educação do campo**. 1ed.Teresina: Edufpi, 2011, v. 1, p. 63-87.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TEIXEIRA, E. S., BERNARTT, M. L.; TRINDADE, G. A. Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 2, p. 227-242, 2008. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022008000200002>

TROJAN, R. M. Teoria e prática na formação docente: estudo das políticas educacionais brasileiras e cubanas. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2008.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

APÊNDICES

Questionário

Nome completo:

Idade:

Local que morava quando cursava a faculdade:

Local que você mora atualmente:

1. Porque você escolheu o curso de educação do campo na UFT de Tocantinópolis?

2. Qual importância o curso teve para sua formação?

3. Quais os pontos positivos que você encontrou em sua formação acadêmica?

4. Quais os pontos negativos que você encontrou em sua formação acadêmica?

5. Quais atividades você exercia antes de entrar no curso

6. Depois de formado você ainda exerce essas atividades que foi citada?

Justifique.

7. Depois de formado você está atuando na área? Justifique.

8. Você está trabalhando atualmente? Se sim onde?

9. Apos formado você reside no mesmo lugar?

10. Você recomendaria o curso de educação do campo para outras pessoas?

Justifique sua resposta.

11. Na graduação você trabalhava no campo?

12. E apos formado você ainda trabalha no campo?
13. Na graduação a alternância ajudou a manter o vinculo com campo?
14. Quais os pontos positivos do currículo do curso para você?
15. Quais os pontos negativos do currículo do curso para você?
16. Depois de formado o que é educação do campo para você?
17. O curso cumpriu com os objetivos de formar educadores para o campo?
18. Você acha que o curso deveria ter outra habilitação, se sim qual?

FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Avenida Nossa Senhora de Fátima 1588 | 77900-000 | Tocantinópolis/TO
+55(63) 3471-6020 | educacaocampotoc@uft.edu.br



AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA ACADÊMICO/CIENTÍFICA

Pelo presente termo, autorizo Wemerson Marinho de Souza, discente do curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, do campus Universitário de Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins, matrícula número 2016112132, orientado pelo Prof. Dr. Gustavo Cunha de Araújo, docente vinculado ao Curso de Educação do Campo da UFT, Tocantinópolis, matrícula número 1017864, a realizar a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulada: **"PERFIL DOS EGRESSOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DAS TURMAS 2014 E 2015 DA UFT/TOCANTINÓPOLIS"**, a ser realizada na Universidade Federal do Tocantins, campus Tocantinópolis. O estudante pesquisador realizará a coleta de dados por meio de questionários semiestruturados aplicados aos estudantes egressos do curso de Educação do Campo da UFT/Tocantinópolis, se comprometendo a dar retorno do resultado deste estudo.

Wemerson M. de Souza
Assinatura do(a) estudante/pesquisador(a)

Maurício Torres Siqueira
Assinatura do responsável
pela instituição a ser pesquisada
Maurício Torres Siqueira
Vice-Diretor de Campus
UFT - Tocantinópolis
Pont. do Reitor 304 de 03/04/2018

Gustavo Cunha de Araújo
Assinatura do(a) Professor(a)/Orientador(a)

Prof. Gustavo Cunha de Araújo
Universidade Federal do Tocantins UFT
Matrícula SIAPE: 1017864

Leon De Paula
Assinatura do Copordenador do Curso de
Educação do Campo da UFT, Campus
Tocantinópolis-TO

Prof. Leon De Paula
Educação do Campo
UFT - Tocantinópolis
Matrícula 1449988

Tocantinópolis, 03 de SETEMBRO de 2019.

Fonte: Elaborada pelo autor (2019).